

FRUTO FURTADO NÃO CRIA RAÍZ



CECÍLIA
QUADROS

Fruto furtado não cria raíz

Cecília Quadros

Fruto furtado não cria raíz

2026

*Produto jornalístico apresentado ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Jornalismo.*

Aos filhos das mudanças.

Índice

Apresentação	07
Cortina Branca	13
Caixas	20
Serra da Saudade	31
Sapatos	59
Estiagem	78
Palavras	90
Corpo	103
Quarto Vazio	123
Capa de Chuva	134
Cartas	148



Mariana, 2024.



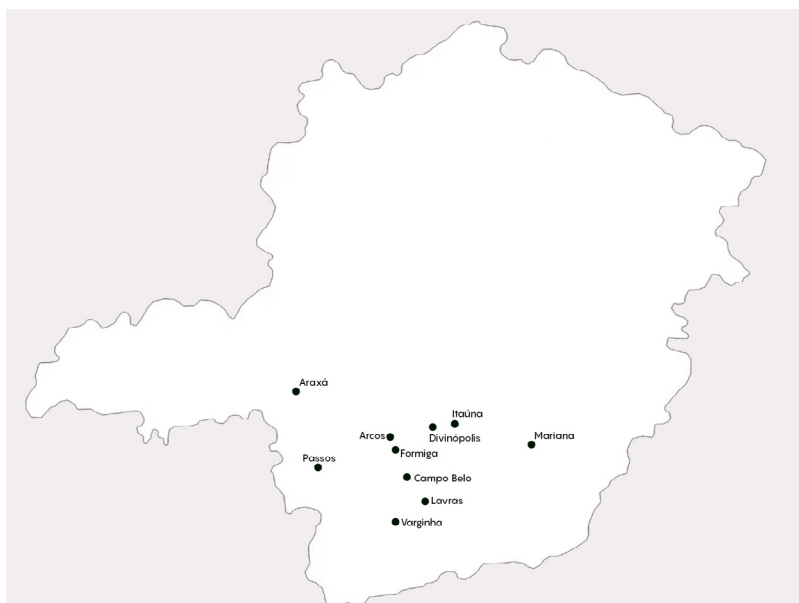
Mariana, 2024.

Hoje, um caminhão de mudanças parou para que eu atravessasse a rua. Parei na calçada para vê-lo passar. Alguém havia chegado ou partido. Outro dia, ao caminhar pela Rua Direita, em Mariana, cruzei com um caminhão com as portas abertas, não deixei de observar o que algumas mãos retiravam dele, móveis e caixas. Algumas pessoas, que pareciam compor uma família, estavam ao lado e viam seus pertences sendo carregados para dentro de uma casa que, tempos atrás, possuía uma placa escrito “aluga-se”. Esses caminhões e cenas como essas me perseguem, arrastam e atropelam minhas estadias. Carregam o que é meu em seus baús e despejam minha vida em outro canto.

Tenho o costume de perceber quando uma casa não possui moradores. Percebo a poeira espalhada pelo piso, os jornais e panfletos acumulados, as janelas sujas e trancadas e o silêncio permanente que irradia pelas portas. Já visitei muitas casas com minha família à procura de uma para morar. Atravessei vazios, imaginei vivências e momentos de lazer em cômodos que nunca foram meus. Algumas casas continuavam sem serem escolhidas, seguidas de justificativas: “muito cara”, ressaltava minha mãe; “pouco espaço e longe demais”, dizia meu pai; “casa de esquina só dá problema”, resmungava algum dos dois; “aquela tem muito mofo”, alegava minha mãe; “no mercado falaram que aquele bairro não presta”, meu pai dizia preocupado; “senti uma energia ruim lá”, dizia qualquer um de nós.

Essa minha relação com caminhões e casas se dá pelas mudanças que vivi. Memórias, lacunas, fotografias e diários compõem essa autossociobiografia que costura os caminhos e terras provisórias por onde passei. Narro mudanças e revisito algumas cidades do interior de Minas Gerais: Mariana, Varginha, Divinópolis,

Passos, Lavras, Formiga, Campo Belo, Araxá, Arcos e Itaúna. Os deslocamentos aconteciam por causa do emprego do meu pai, um supermercado cuja lógica de gestão incluía transferências constantes entre filiais. Supermercado é um lugar de entradas e saídas - de caminhões, mercadorias, pessoas e horas - cresci dentro desse fluxo. Neste livro, procurei investigar se há um lugar de onde sou após morar em dez cidades e em dezoito casas, para isso, dialogo com contextos familiares e sociais.



Mapa de Minas Gerais com as cidades que morei.

Cada capítulo parte de algo que resistiu às instabilidades, um objeto, uma memória ou palavra. A escrita que segue nasce da minha experiência, do modo como meu corpo viveu e sentiu essas travessias. De cortinas a cartas, abro meu baú para narrar as mudanças que estão enraizadas em mim. Essa escrita surgiu com

o movimento, do atravessamento que realizei e da necessidade de concluir a graduação de Jornalismo com os meus próprios passos. O que escrevo nasce do inacabado que ainda me move e das perguntas que ainda residem em mim.



CORTINA BRANCA

CORTINA BRANCA

Ontem puxei minhas cobertas para perto de mim, eu estava me preparando para dormir. Minhas mãos trouxeram outro tecido junto, nem um pouco macio ou feito para esquentar: era a minha cortina. Isso acontece em incontáveis noites, pois minha cama fica encostada na parede da janela desse quarto. A soltei, a afastei e tentei deixá-la onde estava. Ela é minha há muito tempo. Uma cortina de tamanho médio, de cor branca e tecido enrugado com um forro. Olhei para ela por poucos segundos, desviei o olhar como quem se desvia de alguém que possui assuntos mal resolvidos. Venci ao desviar meus olhos, mas minha mente não seguiu o meu comando. A cortina me puxou, apesar de sua imobilidade, como quem segura alguém pela gola da camisa e diz “É hoje que vamos acertar as contas”.

São várias iluminações e sombras que já passaram pelas rugas brancas desse tecido, mas antes ela não era visitada somente por luz, antes eu a admirava, ao invés de só passar meus olhos por ela. Esse “antes” se trata dos anos que morei na cidade de Passos. A janela do quarto que eu dormia em Passos me revelava todos os dias o porquê eu estava morando ali. A visão era de um aglomerado de vegetação de um terreno baldio, uma rua encurvada, algumas casas e de uma construção que dominava grande parte da vista: o supermercado em que meu pai trabalhava. Meu quarto era o único cômodo da casa em que era possível ver o supermercado, nessa condição era a cortina que

me separava dele. Eu sempre preferi as cortinas fechadas, isso me livrava de olhar para a empresa que levava eu e minha família para qualquer lugar que ela quisesse e estipulava qual seria meu próximo horizonte. Dessa forma, a cortina foi se transformando na minha vista preferida daquele quarto, ela segurava o que eu não queria ver e me escondia quando eu não queria ser vista.

Até hoje ela cumpre o que lhe é pedido. Mas, naquele quarto, eu tirava um tempo para observar o mundo de fora que o invadia, através da cortina, formando luzes e silhuetas. Eu gostava de ver o dia através dela, de sentir o vento que por ela passava e de passar meus dedos nela, como se minhas digitais cumprimentassem as suas rugas, também, permanentes. Naquele quarto ela tinha mais movimento, balançava quase o dia todo e atiçava o som do meu antigo sino de vento. De todos, o quarto de Passos foi o meu preferido, é bem provável que essa preferência tenha surgido porque foi a cidade que eu morei por mais tempo consecutivo, 6 anos. Em uma das paredes havia duas prateleiras de madeira, quando chegamos na casa elas já estavam lá. Eu as decorei e redecorei várias vezes em minha estadia, minha mãe até colocou um papel de parede no quarto e isso nunca tinha acontecido antes, sempre pensamos que não valia a pena, já que sempre estávamos de passagem.

Aquele quarto ganhou tudo que eu pude dar. Foram centenas de lembretes colados perto da escrivaninha, livros empilhados, depois desempilhados, colagens de filmes e astros, itens de bruxaria, souvenirs, santos, painéis semânticos do dadaísmo e surrealismo, quadros pintados pelos meus amigos, vidros antigos - que eu tinha apego - com flores e pingentes na cortina. Eu sentia que não tinha problema algum escolher como eu queria que aquele quarto se

apresentasse, porque eu sentia que ele era meu. Foi o último quarto que eu coloquei tudo que eu tinha para fora, eu não guardava meus desenhos, anotações e decorações em caixas, eu não me resguardava dentro do meu próprio quarto. Eu fazia acordos com aquele espaço e conseguia me enxergar em tudo ao redor. Depois dele passei por mais 5 quartos e, algumas vezes, quando fecho meus olhos ainda me imagino naquele cômodo, onde eu sentia que tudo que era meu estava lá dentro comigo.

No meu quarto atual, a única coisa que resta do outro e está visível é a cortina branca. Mas ela não se movimenta igual antes e não me mostra mais seu filme de luzes, pois os ventos nessa cidade - Mariana - são outros e eu estou em outra posição em relação ao sol. Antes, eu e o astro rei trocávamos histórias, ele criava sombras na cortina para me contar o que acontecia do lado de fora e eu o procurava no quintal da casa de Passos, na maioria das vezes com um livro em mãos e deixava que sua luz acessasse as páginas para que ele conseguisse participar da leitura. Nessa casa ele não me procura e nem eu a ele, aqui não tem quintal. No inverno ele entrava no meu quarto ao entardecer, tudo ganhava seu tom dourado e perdia a friagem imposta pelo dia gelado, com essa casa ele mantém uma extensiva timidez. Se ele viesse me procurar eu perguntaria como está o meu antigo quarto hoje e como é entrar lá sempre que quiser, mas ele não vem.

É possível que ele não venha para evitar me expor intensamente à ausência de acesso que tenho aos lugares que um dia foram meus. Não encaro o sol diretamente, mas ele me observa. Não sei de todos os lugares que ele está, mas ele sabe onde estou e dos lugares que já estive. Ele sabe mais de mim do que sei dele e sei que o sol sabe dos lugares

e das pessoas que eu queria saber. Ainda temos encontros superficiais nas ruas, diferente da cortina que não recebe mais as visitas solares e nem consegue sair do quarto para o encontrar. Acho que ela possui ressentimentos por eu tê-la trazido para um canto longe do sol e eu a compreendo. Naquele quarto antigo, ela teve tempo suficiente para criar intimidade com o espaço. Talvez fosse uma grande amiga daquela janela. Depois da mudança, ficou guardada por muitos meses, até que voltou a ser pendurada, dessa vez em um quarto de república.

Eu a deixava com desconhecidos, exposta em um ambiente que não era mais só nosso. Um dia, voltei de viagem e a encontrei caída no chão da entrada da república. A pessoa que dividia o quarto comigo havia colocado outra cortina, mais escura, em seu lugar. A guardei de novo, com cuidado, porque já sabia que nós duas faríamos uma nova mudança. E, nesta ocasião, para um quarto que seria só nosso outra vez. Na nova casa, a cortina branca foi instalada antes mesmo que eu retirasse tudo das caixas, ela é um dos meus tesouros porque é minha companheira nesses deslocamentos.

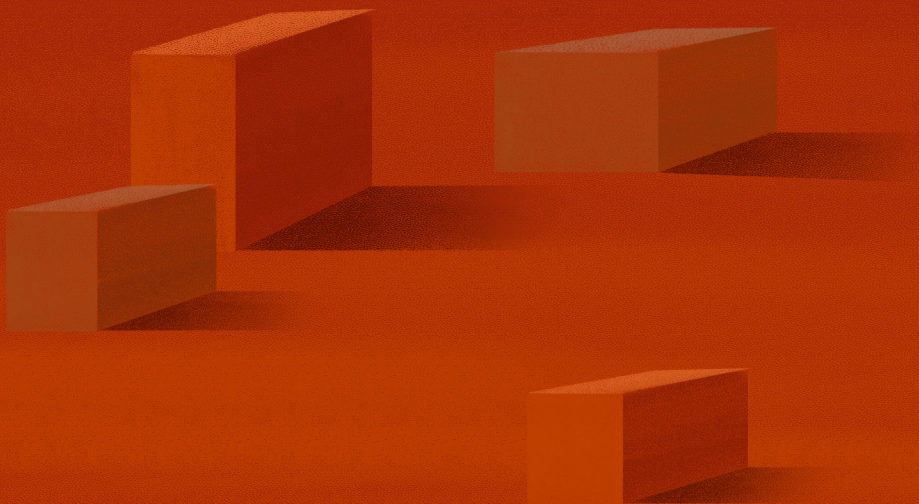
Seu caráter é translúcido, sempre revelando o mundo na medida que pode. Apesar de antiga, há sempre uma nova ruga para encontrar em seu tecido, contudo, fazia tempo que eu não a contemplava. Agora, nesse novo quarto, lhe lancei um outro olhar e percebi que ela é uma das coisas que me restaram ao longo das minhas mudanças de cidade. A cortina branca é um dos arquivos que me chamam para conversar sobre esses anos de itinerância. O que eu guardo, exponho, recordo e revisito são os mobilizadores desse texto sobre como me localizo no mundo após as mudanças de espaço. As localizações não me pertencem, mas os meus objetos e memórias me são localizadores.



Cortina na janela do meu quarto em Passos. 2021.



Vista do quarto de Passos. 2021.



The logo for CAIXAS, featuring the word "CAIXAS" in a bold, white, sans-serif font. The text is enclosed within a thin, white rectangular border. The background is a solid dark orange color, with a decorative pattern of lighter orange squares in the upper right corner.

CAIXAS

CAIXAS

Abri algumas caixas outro dia. Me encontrei mais uma vez abrindo caixas. Fico pensando em quantas caixas de papelão já foram tocadas por mim nessa vida. Tento mensurar quantas caixas já lacrei com fita adesiva e quantas vezes escrevi no lado de fora tudo que estava dentro da caixa que eu tinha acabado de fechar. Eu e minha família adquirimos alguns hábitos organizacionais em meio às mudanças que integram, de certa forma, nosso ritual para mudar. Com isso, para organizar as caixas basta anotar algumas palavras chaves ou só uma nomeação de um possível cômodo que o conteúdo daquela caixa pertencerá. Caso você ajudasse minha família a se mudar, teria grandes chances de escrever, com um pincel atômico, no exterior das caixas as seguintes palavras: cozinha, sala, quarto casal, quarto Carol, quarto Cecília, sapatos, vidros, panelas, copos, livros, frágil... Frágil. Frágil.

No fim das mudanças, a palavra que mais escrevíamos era “frágil”. Não queríamos que nada se quebrasse. Parece que tudo tem o potencial de ser frágil para mim, ainda abro com receio as caixas que fechei, já que posso não encontrar as coisas no mesmo estado quando as guardei. É difícil evitar que algo se quebre, se desfaça, se desmonte ou suma em meio a uma mudança, porque uma palavra não inibe a autoridade do imprevisível. Meus pais sempre dizem que só descobrimos o que temos quando vamos nos mudar. Apesar de todas

as mudanças, eu nunca consegui me preparar para a sensação de fragilidade ao me encontrar com tudo que tenho e logo o esconder em alguma caixa, pois eu e o meu tudo precisávamos ir novamente para bem longe do que antes era o nosso “aqui”. Eu junto tudo, embalo, fecho e deixo que o tempo leve para outro lugar, parece que sempre estou indo para outro lugar e ao mesmo tempo me encontro no que antes era o “outro lugar”.

Eu guardo meus itens esperando pelo dia que vou estar na minha casa, imaginosa e definitiva, com tudo em um devido espaço. Penso que vou ouvir, ler, folhear, vestir e usar com calma e naturalidade - como alguém que tem a liberdade de deixar suas coisas fora de caixas e de redecorar o espaço sem o temor de desmontá-lo em poucos meses - e não vou precisar mais guardar caixas pelo potencial delas em futuras mudanças. Uma das etapas finais do ritual de mudanças da minha família é preservar as caixas coletadas, após o processo de desencaixotar é comum, para nós, julgar o estado das caixas, “Vamos guardar essa caixa, ela está muito boa, serve para outra mudança”.

Nunca conseguimos guardar caixas suficientes para a próxima mudança. Nos víamos mais uma vez na cerimônia de coletar caixas de papelão pelo comércio, pois uma nova mudança exige novas caixas. Elas costumam ser reunidas em um canto da casa como se estivessem passando por uma detenção. Na infância eu me escondia entre as detentas imaginando que elas formavam um castelo de papelão com uma fachada repleta de logotipos de marcas de alimentos ou materiais de limpeza. Minha fortaleza era parda e quadrada, sempre cheirando a celulose. À medida que a mudança se estendia, eu perdia, pouco a pouco, as paredes do meu castelo. As caixas não podiam amolecer,

ora faziam parte daquela fronteira improvisada, ora guardavam fragmentos de uma casa.

Eu criava uma intimidade com cada novo papelão. Imaginava o que poderiam se tornar depois que o ar parasse de carregar pó de mudança. Escondia atrás delas e fingia que aquelas paredes frágeis eram minha nova moradia, onde somente eu era residente. Sentia que havia algum poder em me refugiar entre caixas com minha imaginação. Grande parte das migrações que fiz foi durante as férias escolares. Aprendi cedo que descanso é esporádico para quem vive em trânsito. Eu fantasiava um castelo, mas não tinha nenhum poder real para viver um recesso da impermanência. Era certo que, em algum momento, meu castelo seria totalmente tomado e que as caixas, ao serem carregadas, emitiriam rangidos como resmungos de quem perdeu, mais uma vez, a idealização de uma vida estável.

Montamos as caixas obrigando que elas criem forma e sejam resistentes para carregar um pouco do nosso lar. Uma a uma ganha essa responsabilidade, recebe rótulos e fitas adesivas que generalizam o seu interior, carrega objetos que lhe são estranhos e é levada para um lugar desconhecido, sem contestação. Em dia de mudança, as caixas, objetos e móveis vão direto para o caminhão, são transportados no escuro sem conhecer o caminho que os leva para longe, assim, não divagam pela ideia de voltar correndo pela estrada. Essa é a sorte de ser uma coisa material. Será que quando essa vida acabar eu ainda vou ter caixas para abrir e outras para fechar?

No mês de abril deste ano, 2025, eu abri algumas caixas que estavam em um canto da casa dos meus pais em Varginha. No interior delas estavam os nossos CDs, DVDs e fitas cassetes, os quais minha mãe tem vontade de descartá-los. Tirei tudo das caixas e comecei a

guardar em uma gaveta vazia da sala, enquanto eu organizava esse espaço eu selecionei certos discos específicos para ouvir ou assistir. Alguns guardam imagens antigas e outros músicas e filmes que antes eram habituais, no meio deles encontrei uma coleção dos CDs *Vibe Sound* da *Coca Cola* de 2004, tenho uma lembrança com pouca nitidez do dia que meu pai levou esse kit para casa. Morávamos onde é cenário das minhas primeiras lembranças: a Casa do Neném, na cidade de Campo Belo, nos referimos a essa casa assim pois “Neném” era o apelido do proprietário da casa.

As recordações mais antigas que possuo são de quando eu morava em Campo Belo, mas muito antes disso essa cidade unia quem me desencaixotou a vida. Uma mulher campobelense cresceu na cidade entre várias casas de familiares que acolhiam sua infância após os percalços de uma separação de matrimônio. Em 1994, com 17 anos, ela migrou sozinha para o Rio de Janeiro em busca de outras oportunidades, lá ela morava na casa de um tio e, no início, trabalhava como babá dos seus filhos, depois passou a trabalhar na *Mesbla*, uma loja de departamentos que após muitos anos de história encerrou suas atividades em 1999, ano que também marca o nascimento de sua primeira filha. Após a virada do milênio, retornou para Minas Gerais na companhia de sua criança.

De volta a Campo Belo ela foi a uma seleção de emprego em um supermercado, subiu as escadas com um funcionário que lhe apresentou o caminho até a sala de entrevistas e aproveitou para dizer o quanto achava o seu nome bonito. Ela foi selecionada para trabalhar de operadora de caixa e se tornou amiga do homem que admira como ela se chama. Em meio a luz artificial, prateleiras e notas fiscais, eles se apaixonaram e tornaram meus pais. Meu pai nasceu em

Divinópolis e no início da sua juventude começou a trabalhar como encarregado de prevenção de perdas da rede de supermercados, a qual pediu sua transferência de cidade em 2001 para Campo Belo, essa foi sua primeira migração de inúmeras solicitadas pela empresa e que foram realizadas pela necessidade de se manter empregado.

O gerente da loja descobriu sobre a paixão que nasceu entre as mercadorias e decidiu tomar uma iniciativa. Ele não poderia demitir minha mãe pois ela estava grávida, dessa forma pediu a transferência do meu pai para outra cidade e assim ele foi para Itaúna. Algumas pessoas da cidade praguejavam que minha mãe se tornaria mãe solo novamente. Contudo, meu pai economizava o pouco que recebia para a visitar quinzenalmente enquanto se equilibrava para manter as despesas das duas moradias. Minha mãe se cansou da distância, da cidade e das condições de trabalho no supermercado e enfrentou outra estrada. Dessa vez para Divinópolis com minha irmã e eu entre as camadas de sua pele. Meus pais e minha irmã moraram com minha avó paterna, Telma, até o momento que eles alugaram uma casa em Itaúna, onde meu pai ainda trabalhava. Com um ano de vida transitei entre três cidades. Eu nasci na cidade natal do meu pai, no final de setembro de 2003, na mesma data de aniversário da cidade da minha mãe. Ela pediu que me registrassem como nascida do próximo dia, pois não queria que eu dividisse o aniversário com o lugar que ela possuía más recordações.

Nos meus primeiros meses de recém chegada ao mundo morei em Itaúna e depois minha família retornou para Campo Belo, onde comecei a guardar minhas próprias recordações morando na Casa do Neném. Morei lá por volta de 2004 a 2006, foi a segunda casa que morei em Campo Belo. A primeira meus pais se referem como “casa

da Vila Amaury”. As únicas recordações que tenho dela são fotos e de um tempo mais recente, pois uma amiga da família morou na mesma casa em 2011 e por algumas vezes a visitei. Consigo me lembrar de certos dias de quando eu era mais baixa que a maioria dos móveis e facilmente entrava dentro de qualquer caixa de papelão. Uma das cenas mais antigas que me recorro é perto do final de 2005, eu estava embaixo da mesa da cozinha enquanto minha irmã assistia *Rebelde* na televisão. Sei que o ano estava chegando ao fim pois eu segurava com uma das minhas mãos um biscoito amanteigado e com a outra um pedaço de panetone. Mudei de casa no outro ano, a partir disso tenho minha primeira memória de uma mudança. As caixas já não serviam apenas para eu entrar e brincar, conheci a utilidade delas em ajudar minha família a se deslocar.

Neste lugar atual, em Mariana, no mês de junho de 2025 eu abri outras caixas. Algumas que já estavam fechadas há algum tempo e outras que eu só abro para guardar mais coisas. Em uma das caixas que abri, achei um CD que ganhei no projeto de extensão que participo, é um CD de contos e lendas de Passagem de Mariana. Eu nunca consegui ouvi-lo, mas o mantenho guardado na expectativa de um dia ouvir o que ele tem para contar e deixar que ele me conheça para além de olhares itinerantes. No fundo de uma das caixas também havia um jogo de tabuleiro, que se chama *Cranium*. A embalagem informa que deve ser jogado em família, pois só consegue ser jogado com mais de 4 jogadores. Eu amava esse jogo na minha infância, eu amava admirá-lo principalmente, era como um imã sensorial - o

cheiro da massinha, as caixinhas coloridas organizadoras das cartas, o tabuleiro com ilustrações de partes do mundo e uma ampulheta que guarda o tempo.

O admirei bem mais do que o joguei, já que na maioria dos dias meus pais não conseguiam jogar comigo e com a minha irmã por causa dos giros que a roleta da vida adulta faz. O que mais me chamava atenção era a ampulheta que contabiliza um minuto, o intuito dela é marcar o tempo que uma dupla têm para responder uma pergunta ou executar um desafio. Porém, certo dia, ainda criança, usei ela em uma brincadeira que inventei, um jogo mental de lembranças. Ela demarcava o tempo que eu tinha para lembrar o máximo possível de lugares, pessoas, objetos, situações... A areia terminava de cair e eu contabilizava tudo que lembrei em um minuto. Eu sigo com esse jogo até hoje, mesmo sem a ampulheta. Salto entre as memórias na tentativa de acessar as cidades sem precisar cruzar suas fronteiras físicas, mas sei que desse jeito só visito as cidades na forma como elas existem em mim.

Fui uma criança que gostava muito de brincar, como qualquer outra, eu brincava de muitas maneiras, mas a minha brincadeira preferida era “montar minha cidade”, eu a chamava assim. Eu acordava e decidia tirar o dia, ou dias, para essa brincadeira acontecer, como se fosse um grande compromisso que eu precisava cumprir, e, claro, informava meus familiares daquele evento. “Hoje vou montar minha cidade, tá bom?”. Lembro de uma vez que eu os avisei em um tom de necessidade, porque já fazia um tempo que eu não montava a cidade e achava que meus brinquedos estavam sentindo minha falta. Eu os avisava pois a cidade que eu criava invadia o espaço pessoal de todos moradores. Enfileirava meus livrinhos infantis deitados no chão um

atrás do outro pela casa inteira, como se fossem blocos de rua, pois nessa cidade todas casas eram distantes uma das outras, nenhuma das bonecas da cidade moravam perto.

Os brinquedos ficavam guardados dentro de caixas. Meus pais me deram duas caixas plásticas transparentes para eu armazenar meus cacarecos, era assim que eles os chamavam, e nelas eu escolhi guardar somente o que fazia parte da minha brincadeira de cidade. O restante das minhas coisas permaneceu protegido por papelões. Meus brinquedos preferidos eram miniaturas - bonecas pequenas, roupas miúdas e móveis minúsculos - assim eu conseguia segurar partes da cidade entre meus dedos que ainda estalavam infância. Eu acordava a cidadela ao retirá-la do repouso nas caixas e decidia o destino de cada peça. Após montar a cidade eu organizava as casas dos personagens, onde as paredes da maioria eram feitas também de livros ou de caixas de papelão, por fim, eu inventava um roteiro novo e brincava.

Os adultos diziam que eu viraria arquiteta quando crescesse, por um tempo idealizei isso, mas eu só gostava de brincar de criar uma cidade, decorar algumas casas e escrever as histórias dos cidadãos. Uma vez meu pai fez uma casinha de papelão para mim, minha mãe costurou pequenas cortinas e tapetes para ela, eu a amava, porque era a minha casa de papelão. Um dia, meus primos cariocas foram me visitar e acidentalmente rasgaram a casinha. Chorei muito. Depois de um tempo meus pais conseguiram um material mais reforçado e construíram outra casinha para mim, ela era perfeita. Ficava dentro do meu quarto e eu não tinha o trabalho de montá-la para brincar, a casa que meus pais construíram para mim estava sempre lá, intacta e visível, naquele momento o restante do que eu tinha não era tão importante quanto ela e eu não me preocupava tanto com o que eu guardava dentro de caixas.



Segunda casinha que meus pais criaram. Campo Belo, 2011.

SERRA DA SAUDADE

SERRA DA SAUDADE

Queria poder dizer que me lembro de tudo. Eu me esforço muito para guardar datas, rostos, palavras e lugares na memória. De forma instantânea, algumas lembranças retornam com facilidade, enquanto outras não. Tem até aquelas que aparecem, mas não consigo identificar em qual casa elas aconteceram, os cômodos se mesclam como se fosse uma só casa, principalmente recordações de 2007 e 2008. As casas e as cidades se tornaram marcos temporais. Quando tento lembrar do ano de algum acontecimento, logo reflito sobre onde eu estava morando. Me mudei da Casa do Neném para uma casa que ficava perto da delegacia civil de Campo Belo, a nomeamos de Casa da Delegacia, depois dela fomos para outra que a chamamos de Casa da Michele. As três casas ficavam no bairro Panorama, as ruas da Casa do Neném e da Casa da Michele até se cruzavam. Por isso, quando penso na Casa da Delegacia e na Casa da Michele não sei determinar em qual ano a memória se passa.

Foram as primeiras mudanças que realizei de forma consciente, mas como eu era criança e as casas tão perto, talvez eu não tenha visto tantas diferenças. Apesar da mudança, eu ainda tinha contato com a vizinhança da Casa do Neném e com a minha família materna que reside em Campo Belo. A saudade ainda se preparava para se apresentar para mim. Antes dela chegar eu convivia com as pessoas sem pensar em despedidas. Na Casa do Neném eu subia em

cima do tanque da área de serviço para conversar com a vizinha do lado, o nome dela era Mara, e brincava com o filho dela, Caio, que compartilha a idade comigo. A Mara fazia sabão de barra e deixava eles secando em cima de jornais, as imagens e palavras transferiam para as barras de sabão, eu achava aquilo mágico e interroguei minha mãe algumas vezes para saber porque ela não fazia sabão com desenhos igual a Mara.

Mara era muito próxima da minha família, foi uma das pessoas que nos ajudou em várias situações, como quando uma enchente atingiu a Casa do Neném. Ela dividia receitas, inquietações e conversas com a minha mãe e me tratava como uma filha, me chamava de “Minha Menina”. Certa vez, mesmo com pouca idade e altura, tentei jogar sinuca no bar da esquina, me atrapalhei com o tamanho do taco e acertei meu dedo ao invés de acertar a bola, fui correndo até a Mara, com lágrimas e lamentações pelo dedo ensanguentado. Apesar das lembranças difusas, foi naquela vizinhança que comecei a aprender que pertencimento também se constrói pelas relações.

A Casa da Delegacia tinha um jardim na entrada, ele passou a ser cuidado pela minha mãe, ela plantou uma variedade de hortaliças e plantas. Eu não lembro de todos os cômodos dessa casa, só do jardim, da sala e de um lado da cozinha. A única parte que me recordo do quarto que eu e minha irmã dormíamos é do interruptor, ele não tinha placa e era possível ver o interior da parede, em uma noite fomos apagar a luz e descobrimos que dividimos o aposento com um ninho de lagartixa. Parecia que nossos dias aconteciam mais no jardim do que dentro de casa. Naquela época, era recorrente receber visitas, meu tio Leandro tinha o costume de levar algum dvd para assistirmos juntos, meu avô materno, vovô Barbudo, nos visitava depois do

trabalho e o pai da vovó Maria, última esposa do vovô Barbudo, às vezes passava de charrete em frente à nossa casa e ficava um tempo para prosear enquanto oferecíamos baldes de água ao cavalo que bufava seu cansaço.





Jardim e entrada da Casa da Delegacia - 17 de setembro de 2007

Tudo que foi plantado naquele jardim ficou para trás. Na Casa da Michele, a garagem e o quintal eram acimentados, no fundo da casa havia apenas um canteiro com uma franzina parreira de uvas que buscava se espalhar pelo muro. As uvas eram pequenas e verdes, eu colhia algumas que brotavam, separava a menor, a deixava no peitoril da janela e dizia “Essa é para o meu anjinho”. Morei nessa casa até o início de 2008, por pouco tempo, e a lembrança mais nítida que guardo dela é do último dia. Acontecia a primeira mudança que me fazia sentir gosto de partida: minha família seguiria para outra cidade, Arcos.

Não sei se posso dizer que eu era uma migrante. Ainda tenho dúvidas sobre qual seria a palavra justa para as mudanças que me atravessaram na infância. Migrante, dizem, é quem escolhe mover o corpo e o destino. Meu pai recebia a proposta de transferência do supermercado e aceitava. Minha mãe escolhia o acompanhar. Eu seguia os migrantes e a mudança. Mas não sei se eu fui uma seguidora ou se só fui carregada pelo movimento. Ir embora com meus pais, despedir das pessoas, cruzar estradas, reclamar da distância e me ver rodeada de caixas, era o que me cabia. Talvez eu fosse uma migrante compulsória.

No último dia na Casa da Michele, os cômodos faziam um eco diferente. Além da falta dos móveis, os espaços reverberavam a cada hora uma voz distinta das visitas que se despediam. Aos poucos os móveis iam sumindo para dentro do caminhão e ficaram para trás apenas itens de maior necessidade em cima da pia da cozinha. Chaves, algumas para serem entregues para Michele, dona da casa, outras para abrir a Casa de Arcos. Os documentos, as imagens de santas, garrafa, coador e o pó de café também não entravam no caminhão.

Iriam conosco, dentro do carro, rumo à cidade nova. Minha mãe diz que as santas e o café devem ser os primeiros a entrar em uma casa.

Arcos tinha um clima seco, e ainda deve ser assim, por ser centro de extração e produção de calcário. O telefone tocava: era da escola da minha irmã, o nariz dela tinha sangrado. Isso se tornou recorrente entre nós. Eu ainda não ia para a escola, mas vivia com a vontade de aprender a ler e escrever. Minha irmã ia estudar e meu pai ia trabalhar, já eu e minha mãe ficávamos em casa. Raramente recebíamos visitas e, para ver alguém com um rosto comum, era preciso seguir pela estrada. Em Arcos, a casa estava sempre limpa, a vassoura não parava de varrer, os panos corriam pelos cômodos todos os dias, os móveis não precisavam se preocupar com o calcário que poderia se depositar neles, era certo que minha mãe estaria pronta para limpar.

Longe da família, em uma cidade desconhecida e sem emprego, minha mãe ficou obcecada por limpeza. A maioria das minhas recordações na Casa de Arcos é dela limpando algum espaço. Eu assistia desenhos e ela tirava o pó da estante. Eu brincava com a cachorra Laika, que nos acompanhou na mudança, e ela lavava o terraço. Eu fingia que sabia ler um gibi e ela passava pilhas de roupas. Eu desenhava em papéis e ela lustrava as janelas. Às vezes eu acordava de madrugada com um barulho e era minha mãe lavando o banheiro. Eu não entendia porque nada parecia limpo para ela. Ela repetia a falta que sentia da sua cidade e me perguntava: “Você gosta daqui, filha?”, e continuava a estender as roupas recém lavadas que tinham

se sujado naquele mesmo dia.

Em uma tarde, acordei na cama dos meus pais. Olhei ao redor e não vi ninguém. Comecei a chamar pela minha mãe, a chamei várias vezes e não tive nenhuma resposta. O quarto dela ficava no andar de cima, fui até o topo das escadas e novamente chamei por ela. Nenhuma resposta. Diante daquele mar de degraus, hesitei e voltei para o quarto. Subi em um móvel que ficava perto da janela, percorri com o olhar todos os cantos da rua à procura de minha mãe. Não a achei, eu chorava e gritava. “Mamãe, mamãe, mamãe, cadê você, mamãe?”. Foi uma das primeiras vezes que tive medo de que ela tivesse avançado com o desejo de ir para bem longe.

Minha visão estava embaçada pelas lágrimas, minha boca ainda tinha gosto de sono, mas, mesmo assim, aproveitei a nova perspectiva por aquela janela. Olhei pelo horizonte e percebi que nunca tinha visto a cidade se alongar daquela forma. Comecei a imaginar que eu seria uma criança sozinha, com uma casa solitária, com escadas para aprender a descer sem medo e uma janela que um dia eu alcançaria sem precisar de móveis. Chorava, preocupada, e chamava minha mãe. Até que a vi caminhando no passeio, acompanhada da minha irmã com o uniforme manchado de sangue. Elas acenaram e gritaram para eu me afastar da janela. Depois que as vi entrando em casa, não lembro de mais nada daquele dia.

Uma das poucas visitas que recebemos foi da minha avó materna, a vovó Maré. Quando ela estava na cidade, íamos todos os dias à pracinha e tomávamos sorvete. Na sua volta para Campo Belo, eu entreguei a ela uma boneca, para que ela se lembrasse de mim. Foi naquele ano que comecei a reproduzir frases como “Eu nunca vou te esquecer”. A minha necessidade de agarrar lembranças e de

ser lembrada também começou naquela casa. Às vezes me esqueço de que não sou só eu quem está de passagem. Residi em Arcos por alguns meses em 2008. Não tive tanto tempo para criar afetos pela cidade. Já meus pais fizeram amizade com os vizinhos e, quando eles contaram que iríamos nos mudar, uma das vizinhas lamentou muito nossa partida. Um dia, depois de exagerar na bebida, ela bateu no portão da nossa casa, transbordava saudade antecipada enquanto gritava que não aceitava que fôssemos embora.

Quanto mais a viagem acontece, eu vejo menos da estrada pelo retrovisor. Paisagens borradas, reflexos sobrepostos e apreciações apressadas. Percorrer uma estrada é como assistir a um filme de memórias, é incerto onde o horizonte se acaba e onde uma montanha se inicia. Um dos gentílicos de quem nasce em Minas Gerais é montanhês, designação para quem sobe e desce a vida toda, porque nessa terra, tudo começa e termina em serras. No meio do ano de 2008 me mudei com a minha família para Araxá. Um lugar no Triângulo Mineiro, ainda mais distante dos nossos parentes, pois para chegar em Divinópolis ou Campo Belo a viagem demorava mais de 4 horas. Entre Divinópolis e Araxá era possível passar em um trecho da Serra da Saudade, uma cidade próxima aquela cadeia de montanhas que também recebe o mesmo nome e é considerada a cidade menos populosa do país.



Serra da Saudade, 20 de agosto de 2008



Mudança para Araxá, 20 de agosto de 2008.

A população da minha saudade é incalculável. A saudade que carrego é uma montanha que cresce cada vez mais, endureceu com os anos e é difícil de arrastar, pesada demais para não ser carregada em algum caminhão e exclusiva o bastante para ser deixada em qualquer lugar. Na estrada da Serra da Saudade, aprendi a olhar para a vida com olhos de despedida. Todo instante poderia ser o último. Tanto porque não sabia quando seria a próxima vez que eu veria meus parentes, quanto porque as incertezas e perigos das estradas de serra me assombravam. Isso ainda perdura. No início, em Araxá, eu sentia que morava em um lugar escondido do mundo, uma ilha mineira. Eu, minha irmã e meus pais ouvíamos com frequência que morávamos longe demais, todo parente se tornou distante. E, por causa disso, acabamos nos fechando ainda mais entre nós quatro.

Meus pais faziam questão de percorrer a distância que fosse para que eu e minha irmã convivêssemos com o restante da família em datas comemorativas. Nem sempre era possível, às vezes por falta de dinheiro e outras por que meu pai não conseguia folga aos finais de semana. Quando conseguíamos viajar, tínhamos nossas próprias formas de passatempo. Uma delas era a corrente de palavras, onde o próximo jogador precisava dizer uma palavra que começasse com a última letra da palavra anterior, dentro de um tema escolhido. Essa corrente se estendia pela estrada, até que alguém se cansasse. Tínhamos uma parada de estrada preferida, o nome era *Xodó*, aquele lugar de passagem - que vendia pão com linguiça e era repleto de abelhas - nos indicava que, na volta, nossa casa estava um pouco mais perto.

Minha identidade foi se formando nos lugares de transição. Alguns espaços podem carecer de identificações e serem habitados

por um certo vazio, mas me ajudam a me localizar na minha história. Em cada nova cidade, eu e minha família fazíamos nossas próprias descobertas, uma padaria preferida, ruas melhores de transitar ou praças para se brincar. A nova vida ia se formando, no nosso tempo, até que outra mudança chegasse. Em Araxá, íamos sempre aos mesmos lugares: a lanchonete *Elefantinho*, a sorveteria *Moranginho*, o restaurante *Roda Mineira*, a pastelaria *Ki-Sabor* e a doceria *Doces Cecília*. Tentávamos dar continuidade ao que significava ser moradores de algum lugar. Eu não gostava quando uma descoberta era feita sem minha companhia. Lembro do dia em que meus pais e minha irmã voltaram animados da rua contando que tinham encontrado um castelo na cidade. Passei a semana inteira pensando no tal castelo. Quando me levaram, era o *Complexo do Barreiro*.

Começamos a ir ao *Barreiro* quase todos os fins de semana. Eu brincava nos parquinhos, corria entre as árvores e subia em seus galhos. Provava todas as águas possíveis da Fonte Dona Beja, são águas radioativas, com cheiros e gostos diferentes. A maioria é amarga, difícil de beber, mas eu insistia. Queria me misturar àquelas terras e águas antes que a próxima mudança chegasse. Eu tinha cinco anos e, como quase toda criança, me encantava por contos de terras distantes e imaginárias. A primeira vez que fui ao cinema foi em Araxá, meus pais me levaram para assistir *O Mistério de Feiurinha*. Até a fila me pareceu encantadora e ao final do filme chorei de emoção. Era a primeira vez que eu via uma tela tão grande, que sentia o cheiro da pipoca do cinema e mergulhava dentro de uma história acompanhada de muitas pessoas. Naquela noite, eu me senti em um conto de fadas, não me importava se eu não sabia definir de qual reino eu vinha, eu me sentia completa, mesmo em uma terra distante e naquela vida comum.



Complexo do Barreiro. Eu, meu pai e minha irmã estamos na foto, 28 de agosto de 2008.

Eu gostava de morar em Araxá. Passei a gostar ainda mais quando comecei a ir para a pré-escola, na *EMEI Lucas Teixeira*. Acostumar foi difícil, parecia uma eternidade ficar longe de casa. No primeiro dia, as lágrimas me fizeram companhia. Não queria me separar da minha mãe. Entrei no meio do ano letivo de 2008, logo, as crianças já se conheciam, compartilhavam histórias, risadas e segredos que eu não compreendia. Eu era tímida demais, falava pouco e somente quando necessário. As mesas eram redondas, cercadas de pequenas cadeiras coloridas. Nos primeiros meses, eu me sentava sozinha em uma delas. A professora, às vezes, insistia que eu me juntasse às outras crianças. Quando eu cedia, sentia as minhas mãos suarem e a minha voz sumia ainda mais.

Um dia, a professora pediu para que eu me sentasse ao lado

de três meninas, elas estavam sempre juntas. A atividade era simples: colorir um carro de laranja. Elas elogiaram o meu jeito de colorir e eu, sem conseguir reagir, saí correndo para vomitar. Não fiz amizade com elas e fui embora mais cedo. Terminei de colorir em casa. Me recordo do meu primeiro dever de casa, eram pontos para se ligar até formar um palhaço. Uma simples folha me contentou, porque eu sempre observava minha irmã estudando e desejava pelo momento em que teria meus próprios deveres. Sinto falta deles. Sinto falta de escrever as palavras erradas e receber estrelas, contar patos e flores, desenhar minha família e a cachorra Laika, assistir a filmes em que os lápis de cor conversavam e decorar os versos da música *Tralalaô* para uma apresentação, onde eu seria uma flor murcha de vergonha.

*“As flores já não crescem mais,
Até o alecrim murchou,
O sapo se mandou,
O lambari morreu,
Porque o ribeirão secou.”*



Apresentação teatral na pré-escola, 31 de outubro de 2008.

Às vezes, reflito sobre o que meus lápis pensavam de mim. Se tinham orgulho de serem conduzidos por alguém que ainda não sabia desenhar direito e que errava ao escrever o próprio nome. Talvez sonhassem com mãos mais seguras, capazes de criar formas precisas e frases potentes. Mas, ao menos, eu os tocava, deixando eles soltarem suas partículas e rastros no papel, se gastarem e chegarem ao fim se sentindo úteis. Certa vez, precisei deixá-los sozinhos na sala de aula, pois a diretora havia me chamado.

Fui ao seu encontro imaginando se eu teria feito algo errado. Ela me conduziu até um salão de festas da escola, o qual eu nunca tinha visto. Outras crianças também estavam lá. A diretora me explicou que precisavam de mais uma aluna para uma peça teatral. Minha primeira reação foi negar. Mas, assim que ela disse que seria uma peça de conto

de fadas, onde cada menina seria uma princesa, eu decidi aceitar. Ela perguntou qual princesa eu queria ser e eu disse na mesma hora: “A princesa da Ilha”, ela perguntou quem era essa princesa e expliquei que era uma personagem de um filme da *Barbie*.

Ensaíamos por semanas. O meu par de dança se chamava Davi, ele era tão tímido quanto eu. Treinamos juntos sem trocar muitas palavras. No dia do evento, minha mãe me vestiu com um vestido azul, preparou uma coroa de flores e me fez um penteado. A apresentação foi no anfiteatro do Sesi e cada personagem tinha uma música tema para entrar no palco. Eu estava ansiosa em me apresentar na frente daquelas pessoas. Assim que a música tema *Preciso Saber* passou a ressoar no lugar, eu finalmente desci os degraus. De tempos em tempos, os primeiros versos da música ainda reverberam na minha mente.

“De onde será que eu venho?”

Para onde será que eu vou?”

Como vou entender quem eu sou?”



Apresentação do conto de fadas, 05 de novembro de 2008.

Morávamos em uma casa em um bairro distante. Minha mãe dizia que não escutava nenhum barulho ao redor e tinha medo de ficar lá sozinha. À tarde, a sua companhia era a cachorra Laika que se empenhava em duas tarefas: cavar buracos durante o dia e fugir pelo portão à noite. Ela fugia e corria para a escuridão da mata. Eu e meu pai saíamos correndo atrás dela. Ela tinha uma ânsia em fugir, meu pai dizia que ela não gostava de nós, que queria voltar para sua antiga família de Campo Belo. Para a infelicidade de Laika, meu pai chegou com uma notícia que o supermercado queria transferi-lo de cidade novamente. Dessa vez para Itaúna; porém tínhamos nos mudado recentemente e meu pai não tinha dinheiro guardado para fazer essa mudança, o caminhão custaria ainda mais caro pela quilometragem.

Meu pai informou à empresa que não conseguiria realizar a

mudança sem ajuda financeira. O supervisor disse que a empresa não poderia auxiliar no custo e que meu pai deveria aceitar a transferência ou seria demitido. Custa caro ter uma vida transportada. Custa no bolso e custa no sono. Passamos a nos sentir à deriva dentro de quatro paredes. Meu pai foi demitido e conseguiu um novo emprego no outro dia, em outro supermercado da cidade. Estávamos aliviados que continuaríamos em Araxá. As compras agora seriam feitas no novo supermercado, a cor do uniforme do meu pai passaria de branco para verde. E ainda que fosse outro supermercado, eu continuava encontrando meu pai em um lugar que para outras pessoas é um lugar nenhum.

Tivemos que nos mudar da casa que morávamos pois o contrato foi feito pelo supermercado antigo e um novo gerente estava de mudança para aquela casa. Sempre que uma mercadoria sai da prateleira do mercado uma outra entra. A Casa Dois de Araxá ficava perto do centro, onde o novo trabalho de meu pai se localizava. Antes do dia da mudança, meu pai levou, de carro, parte das nossas coisas para a nova casa, na tentativa de economizar no frete, mas os móveis ainda foram em um caminhão. Chegamos na frente da casa junto com o caminhão no final de uma tarde. A rua era um morro. Descemos do carro com a Laika encoleirada e um cachorro que estava na rua veio correndo para a cumprimentar. Depois que as caudas se abanaram, levamos a Laika para dentro da casa.

Naquele entardecer fazia muito frio. Enquanto o caminhão era descarregado, eu e minha irmã estávamos enroladas em um plástico bolha na garagem. A casa se enchia dos resquícios de nós e minha irmã queimava de febre. Já meu corpo, só se dilatava ao final da noite. O caminhão ficou vazio e tínhamos uma casa para ser remontada. O

portão se fechou com a mudança concluída. Soltei a Laika da coleira para ela conhecer a nova casa, mas o motorista do caminhão abriu o portão para entregar algo que tinha ficado para trás e Laika fez sua fuga noturna. Ela desceu morro abaixo ao lado do cachorro que ela conheceu horas antes. Corri atrás dela, mas a perdi para seu desejo de liberdade. Antes dela sumir de vista, ela olhou para trás. Mesmo com meu suplício ela não voltou.

Procuramos em todos os lugares possíveis, fomos em todos abrigos, colocamos anúncios pela cidade e avisos foram divulgados na rádio. Não sei se ela nos procurava, ela não foi para nenhum abrigo, não lia anúncios e nem ouvia rádio. As minhas lembranças desse período são acinzentadas. Quando eu dormia, eu sonhava que ela estava no portão. Eu olhava para a sua casinha de madeira vazia, seu comedouro seco e o chão que não conhecia seus pelos. Eu só pensava no dia que a Laika voltaria para casa. Mas para qual casa ela voltaria?

Em 2009 passei a ir para pré-escola pela manhã, calçava minhas galochas rosas, pegava minha lancheira que no fundo cheirava a leite derramado e ia para a porta de casa esperar a van que me levaria. Com a van eu ia em bairros que eu não conhecia, via outras famílias que se despediam dos seus filhos no fechar da porta deslizante. Os assentos e o motorista eram confidentes de desabafos da infância, sonhos, ideias, discussões e piadas. Eu seguia em silêncio, confidenciando as piadas na bagagem para soltá-las em casa. Até o dia que sentei ao lado da Natália. Ela frequentava a mesma escola que eu, mas era de outra turma.

Nos recreios, eu e Natália nos procurávamos. Quando ela passava na frente da minha sala, ela acenava. Eu saía para ir beber água e passava na frente da sua sala para repetir o seu aceno. Natália

escutava minha voz na sonoridade normal, sabia da minha risada e com ela eu inventava novas piadas. Eu esperava a van com a Natália na porta da escola. Em algumas tardes, nos encontrávamos para brincar. Conheci a casa da Natália que tinha marcas e registros de uma moradia de longo tempo. Tudo indica que Natália foi minha primeira amiga. Em alguns dias, Natália sumia e eu passava o recreio sozinha. Nossas mães viraram amigas e assim minha mãe passou a me avisar quando Natália faltaria, pois ela fazia um tratamento por ter nascido com lábios leporinos. Natália não me contava nada a respeito disso e eu não perguntava, só queríamos brincar.

Eu e minha família estávamos longe dos nossos familiares, contudo, começamos a criar nossos vínculos na cidade. A Casa Dois de Araxá era uma casa geminada. A janela da cozinha e do meu quarto dava para o corredor de entrada da outra casa e todos os dias uma senhora passava por lá. Fizemos amizade com ela, a Dona Sebastiana, que morava sozinha naquela casa. Toda tarde ela fazia algum tipo de quitanda e nos chamava para tomar café com ela ou nos entregava pela janela. Aos poucos passei a chamá-la de Vovó Tiana e comecei a reparar quando as pessoas se tornam lugares. Eu pulava as janelas para ir na Vovó Tiana. Pela janela da cozinha, outra visita adentrava: um tucano. Ele entrava e comia o que estava na fruteira, de perto ele era ainda mais bonito. Essa é a beleza da proximidade. Mas logo ele voava de volta para suas árvores e estando lá voltava a vocalizar. É preciso se distanciar das aves para ouvi-las cantar, é preciso se distanciar de alguns quadros para entendê-los, assim como é preciso se distanciar para entender que nem sempre o sangue é mais espesso que a água.

Naquele ano da pandemia de *H1N1*, em que minhas mãos

ressecaram pela ação do álcool em gel, também foi o ano em que acessei a internet pela primeira vez. Estava em casa quando os cabos foram instalados. Com 5 anos de idade tive uma conta no *Orkut*, e com isso começou a parecer que eu tinha um contato maior com meus parentes. Mas ficou ainda mais evidente que eu não estava lá. Não estava nas fotos, nos encontros, no dia a dia e nas histórias. Me restava enviar e receber presentes pela *Colheita Feliz*. Quando eu estava na casa dos meus avós paternos, Telma e Quirino, eu sempre escutava as novas histórias dos meus primos que minha avó tinha para me contar. Eu as ouvia querendo um dia estar em uma delas. Tenho 14 primos pelo lado do meu pai. Minha avó ajudou a cuidar de todos eles, pois eles não foram levados para longe, como ela diz.

Subir e descer, descer e subir, as montanhas te elevam para te mostrar os seus limites. Na estrada, eu encarregava meus olhos a ficarem abertos; achava que, se eu ficasse acordada, ajudaria meu pai a manter o foco na direção. Herdei da minha mãe o seu medo de viajar por serras. Ela conta que só passou a ter medo das estradas curvas devido a uma viagem pela Serra da Saudade, quando retornamos de Divinópolis, à noite, e atravessamos uma longa neblina. Caminhar sem enxergar o que há na frente, não conseguir ver placas e orientações, procurar um lugar seguro em dias de tempestade e, em casos de obstáculos e deslizamentos, retornar e procurar outra rota. Enfrentávamos isso e mais um pouco para visitar nossos familiares. Passamos a noite de natal de 2009 na estrada em direção a Divinópolis e quando chegamos, ouvimos: “Vocês demoraram demais para chegar”.

Naquele verão as passagens por aquela serra acabariam. O supermercado em que meu pai trabalhava atrasava o pagamento

e, por vezes, pagava só metade do valor. Meu pai recebeu uma proposta durante esse descrédito. O supermercado de antes ofereceu o emprego do meu pai de volta, novamente em Campo Belo e, sem alternativa melhor, ele aceitou. A empresa não auxiliou na mudança, como era esperado, meu pai precisou pagar o caminhão de mudança e a pintura da casa que saímos. O chão começou a trepidar, era a partida se aproximando, enquanto o caminhão descia o morro, meus pés sentiram o seu peso, ele estava pronto para acomodar minha saudade e levá-la para longe. Móvel a móvel entrou no caminhão e não sobrou espaço para ela. Eu, meus pais, minha irmã, Scooby - cachorro adotado em uma viagem à Divinópolis - as santas, o café e a saudade fomos de carro.

Despedi-me da confiança e brincadeiras que eu tinha com a Natália. Na última amarelinha que pulávamos eu tentava não pensar que não existiria uma próxima, mas a verdade é maior que o céu. Levamos sacos de biscoitos e pães de queijo que a Dona Sebastiana havia preparado para nossa viagem, ela chorou pela casa e cafés da tarde que ficariam vazios. Ainda que fosse verão e o forno estivesse recém usado, o vento da despedida nos resfriou. Fui embora pela mesma rua que a Laika. Olhei para trás, como ela olhou. Segui em frente, como ela seguiu. Voltei para Campo Belo, mas ela não voltou.



Laika, 28 de agosto de 2008.

No verão de 2013, eu e meus pais retornamos a Araxá em um passeio de férias. Ligamos para a Dona Sebastiana quando chegamos na cidade, queríamos lhe fazer uma surpresa. Ela não morava mais lá, pois tinha retornado para sua cidade natal, Patrocínio. Fomos à cidade dela em um percurso de estradas retas. A vovó Tiana nos recebeu com um almoço farto e uma variedade de quitandas. Quando ela nos viu, exclamou: “Vocês chegaram na hora certa!”. Toda a família dela estava lá reunida a pedido dela, ela dizia que era dia de festa, já que seus “filhos de muito longe” estavam com ela. Também reencontrei a Natália, brincamos pela última vez e ela me apresentou, por meio de fotos do *Facebook*, todos seus novos amigos. Ela me perguntava se eu me lembrava deles e por fim comecei a mentir que sim. A cidade nos acolheu como a primeira vez, mas a Araxá que eu

morei não existe mais. Revisitamos os lugares que queríamos rever e nos deparamos com a avalanche do tempo, porque alguns espaços tinham sido fechados. Chegou a hora de irmos embora. Dessa vez, eu cochilei na viagem. Meu pai enxergou um tucano na paisagem, me chamou, eu procurei e perguntei “Onde?”. Ele me disse “Já passou”. Afinal, tudo passa.



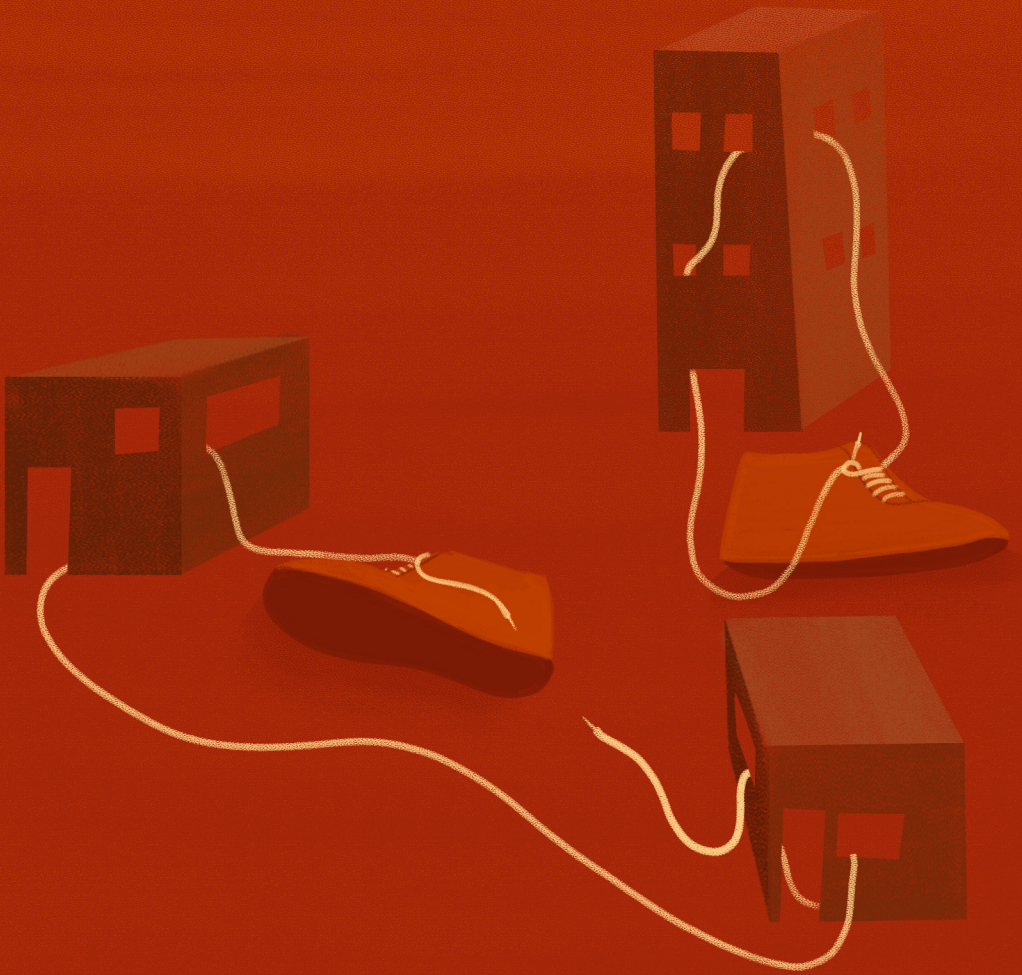
Serra da Saudade, 18 de janeiro de 2013.



Complexo do Barreiro, 19 de janeiro de 2013.



Teatro Municipal de Araxá, 20 de janeiro de 2013.





SAPATOS

SAPATOS

O pé de acerola enchia-se da cor do amadurecimento. Cabos - que horas antes ziguezagueavam varrendo a poeira - erguiam garrafas cortadas que apanhavam cigarras. Os cigarros queimavam-se nos dedos da mulher e a fumaça se gravava entre nós. Os gravetos eram quebrados com os sapatos que prendiam os meus pés. As folhas de bananeiras balançavam-se no terreno ao lado. Os lençóis esticavam os nossos repousos nos varais. As aleluias vinham de longe alcançar a morte iluminada. Tudo indicava que era noite de verão naquele quintal e que o outro dia seria mais um de estadia.

Na aceroleira morava um bicho-pau, eu o visitava e roubava algumas folhas do seu quintal. Amassava as folhas em pequenos copos com água e dizia que era um experimento científico. Aquele quintal se tornou um laboratório de fabulação. A piscina de plástico era meu mar, as bolinhas de gude eram moedas, as roupas encharcadas eram ordenhadas e as bolhas de sabão serviam de oráculo. O futuro está sempre pronto para estourar. A parede ao fundo me lembrava que aquela casa não era minha, havia uma pintura feita na eleição de 2004, com os dizeres: Vote Zenon - 28789. Metade asfalto e metade terra batida, essa era a rua Vitória, onde ficava a Casa do Zenon. Comecei a morar nessa casa quando retornei a Campo Belo, foi nela que vi os meus sete e oito anos chegarem.

Por meio do corredor, a porta de entrada encarava a porta do

quintal, cada uma com sua visão de mundo e fechadas para qualquer tipo de relação. Eu tirava meus sapatos e escalava o vazio das portas me apoiando nos batentes, sem saber que aprendia a preencher os espaços. Eu me balançava na rede esticada na garagem, olhando a vista entre as grades e as crianças que brincavam naquela rua, até o dia que entrei na malha das brincadeiras e me tornei uma delas. Os chinelos ficavam agrupados na calçada descansando dos pés que não paravam de correr. A rua Vitória passou a ser uma extensão daquela casa e, sempre que podia, eu queria estar nela. A campainha tocava e era Raquel, Gil ou Ryan me chamando para brincar.

A rua era sem saída e as crianças que moravam em ruas paralelas também se agitavam por lá. Eu aproveitava o asfalto caloroso para ser uma criança descalça. No anoitecer ou aos finais de semana, mães e pais também se juntavam à rua Vitória. Me lembro de quando aconteceu um campeonato de vôlei entre as famílias, meus pais também participaram. Não me recordo quem venceu, mas eu acabo de ganhar ao me lembrar. Com o tempo, passei a conhecer todo esconderijo possível daquela rua, as pedras, a cor da terra, os limites e o vento que anunciava a chuva e que me levava de volta para casa.

Eu acreditava que eu acharia um tesouro naquela via. Na companhia de outras crianças, eu cavava a terra, arrancava as pedras que mais brilhavam e as levava para dentro de casa. Perguntava aos meus pais se elas eram preciosas e as devolvia decepcionada. Depois das mágoas, eu soltava pipas pelo céu, pedalava freneticamente rumo a lugar nenhum, corria a passos largos em alguma olimpíada vitoriana, confeccionava colares com as sementes secas de mamonas e inventava histórias em rodas. Quando meu nome era chamado,

pegava meus chinelos e retornava para casa. A vida não era só de pipas, no outro dia eu iria para a escola.



*Lembranças gradeadas. Portão da Casa do Zenon.
Imagem do Google Maps, setembro de 2011.*

Em 2010, iniciei o ensino fundamental na *Escola Municipal Cônego Ulisses* e, desde então, passei a revelar que um dia eu iria embora logo no início de alguma amizade. Eu tinha interações com muitos alunos, mas fui amiga da Emilly, Luiza, Mariana e Yasmin. As pulseiras e laços no cabelo eram combinados, os papéis arrancados se tornavam cartas e segredos eram contados. Nunca cheguei a ir na casa delas e nem elas na minha, mas estávamos juntas até que o sinal tocasse. Era o tipo de amizade que te conta quando o sapato está desamarrado e te espera enquanto você o amarra. No recreio, lanchávamos juntas sentadas ao redor de uma árvore que um dia tinha sido cortada, o nome dela era “mesinha”. Nossa amizade se fortaleceu

ainda mais quando começamos a criar planos para sentar na mesinha antes de outros alunos.

Naquele tempo do início dos meus cadernos pautados e dos treinos de caligrafia, eu também descobria outros tesouros sob os meus próprios pés. O chão da escola era feito de tacos de madeira e o tempo tinha aberto fendas entre eles. Era ali, entre o chão e o descuido, que estava a jazida de pontas de lápis. Eu e minhas amigas esperávamos o momento em que a professora se voltava para o quadro, e então começávamos a nossa escavação. Com a ponta dos dedos ou com o auxílio de uma tesoura, retirávamos os pedaços de grafite. Eu os guardava na caixinha do meu apontador, com o passar dos meses, ele ficou soterrado armazenando os traços silenciados e pisados por uma rebelião de sapatos. Guardei meu acervo da escavação por muitos anos, conservando as palavras que não foram escritas.

Em Campo Belo, eu ia e voltava para casa com um ônibus escolar. Entrava nele, me sentava ao lado da janela e, a cada esquina eu ia memorizando os lugares, ia decorando os pontos de referências para caso eu precisasse voltar sozinha. No primeiro dia de aula, a motorista do ônibus me esqueceu na escola. Os pais, as vans e os ônibus levavam as crianças, a polifonia do final de aula e a luz do dia. Comecei a sentir que eu tinha sido esquecida quando os carros começaram a passar com os faróis ligados. Fiquei na porta da escola ao lado da pedagoga até que alguém chegasse. O ônibus chegou vazio de crianças, mas cheio do desespero da motorista, ela havia esquecido de colocar meu nome na lista de chamada e se lembrou de mim quando minha mãe ligou para ela procurando saber que horas eu chegaria. Eu não tinha horas, mas já tinha medo do esquecimento.

O ônibus parava em outra escola e mais crianças subiam,

enquanto outras desciam para brincar no gramado. Riam, escalavam as árvores, rolavam na grama e tiravam seus sapatos. Eu continuava com os meus e sentada dentro do ônibus. Nunca desci porque eu era assombrada com a ideia de ser novamente esquecida para trás e nunca mais achar a rua Vitória. Aos poucos minha frequência no ônibus foi se dissipando, às vezes meus pais me buscavam ou o vovô Barbudo. Ele trabalhava de pedreiro, saía das obras direto para aquilo que hoje guardo como lembrança: assoviava, eu o procurava, entrava na caminhonete e íamos buscar minha irmã. Eu, ele, ela e a vovó Maria íamos espremidos na cabine, na maioria das vezes eu ficava no colo da vovó Maria ou, se fosse preciso, me escondia no chão do carro. No caminho, comprávamos pães e éramos fregueses na conversação. Meu avô me chamava de “Maria Tagarela” ou “Maria Gasolina”. Quando ele estava indo embora da minha casa, pedia para ir com ele até a esquina em cima da caçamba da caminhonete. Eu descia onde era combinado, me despedia e retornava.

O Natal de 2011 foi o primeiro que passei com a casa cheia e o primeiro que contei os dias para que ele chegasse. Não havia barulho de fita ou caneta atômica sendo passadas em caixas. Eu estava empenhada em descobrir quem tinha saído comigo no amigo oculto. A mesa estava farta com minha família materna ao redor. Meu avô chegou bem cedo na véspera do Natal e começamos a beliscar as comidas ao decorrer em que elas ficaram prontas. Era Natal, a casa não estava em silêncio e as luzes não foram desligadas mais cedo. Final do ano é sinônimo de dormir tarde e acordar cedo para o meu pai. Apesar da casa cheia, era meia-noite e esperávamos por ele que ficou no supermercado até tarde e também precisou ir na delegacia fazer um boletim de ocorrência de um furto. Assim que ele chegou,

fizemos a troca de presentes do amigo oculto. Meu avô havia sorteado meu nome e me presenteou com um par de sapatos, sandálias de tiras coloridas. As visitas e a presença tinham voltado a ser trançadas.

Após 2 anos na mesma casa, comecei a sonhar com a estabilidade. Eu vivia como se eu pertencesse àquela casa, como se eu fosse da rua e da cidade. Mas a mudança estava para chegar. Os legumes cozinhavam enquanto minha mãe esquentava a minha esperança de continuar morando na Casa do Zenon, ela dizia que já estávamos a mais tempo na casa e que provavelmente meu pai não seria transferido naquele ano de 2012. No mesmo dia, meu pai chegou do trabalho, com a mesma roupa de sempre e seu sapato social arrastando a notícia que teríamos que nos mudar. O proprietário havia pedido a casa de volta pois voltaria a morar lá. Nosso solado se soltava mais uma vez.

Barulho de fita, caixas se fechando, o secador de cabelo ligado para remover adesivos das paredes e as louças sendo envelopadas. Encaixotamos mais uma vez nossos fragmentos de pertencimento. Nada era valioso, mas fazia parte da nossa casa transportada. Por isso, usamos panos e jornais para envolver o que era frágil, mas mesmo assim algumas louças e móveis se quebraram entre as itinerâncias. Se eu fosse um prato eu também me quebraria depois de tantas transportações, me partiria por não entender o porquê de tantas mudanças e deixaria meus cacos afiados para que nenhum reparo fosse possível. Quando nos mudamos da Casa do Zenon, meus pais venderam alguns móveis porque na outra casa não tinha lugar para eles e compraram um beliche.



O meu quarto na Casa do Zenon, 17 de junho de 2011.

A nova casa era considerada desproporcional, quartos pequenos e um quintal grande, eu o adorava. Nos referimos a essa casa como a Casa do Juninho, ela ficava na rua Maceió, no mesmo bairro que a rua Vitória, onde nunca mais voltei para brincar. No fundo do quintal havia um pé de mexerica, um gramado e uma horta. Meus pais refizeram a horta que antes tinha apenas um manjeriço basílico, o qual exalava um cheiro que percorria os meus dias e, até hoje, me lembra de que tudo é próximo e longe ao mesmo tempo. Eu morava na Casa do Juninho com meus pais, minha irmã, os cachorros Scooby e Laila e o hamster Tuti. Os cachorros adoravam rolar na grama e entrar na horta para remexer a terra, minha irmã gostava de deitar embaixo da árvore para ler seus livros de vampiros e eu a chamava

para brincar enquanto as páginas eram passadas.

Minha mãe começou a trabalhar em uma farmácia assim que nos mudamos. Comecei a voltar a pé da escola, na companhia da minha irmã. Ela saía da sua escola e eu a esperava. Seguíamos juntas pela longa praça de Campo Belo. O trajeto até a Casa do Juninho parecia muito longo, porque a todo momento eu pedia para fazer uma pausa, pois os meus sapatos estavam apertados. Algumas vezes minha irmã me carregava em suas costas até a fonte da praça, lá eu desamarrava os tênis, tirava minhas meias e colocava meus pés dentro da água. Eu não contava para meus pais que o meu sapato apertava, o tênis era novo, mas meu pé tinha crescido. Continuei usando o sapato apertado. No caminho diário eu e minha irmã criávamos nosso dialeto pessoal e costurávamos nossos passos com palavras. Às vezes, fazíamos tantas paradas que chegávamos em casa com o céu escurecido.

Os sapatos me apertavam cada vez mais e eu os ignorava. Por fim, comecei a tirá-los para voltar para casa, mas aquele sinal de aperto ainda se arrastava comigo. Os móveis no quarto eram milimetricamente ajustados para que fosse possível abrir o guarda-roupa e se deitar nas camas. Eu dormia na parte de cima do beliche e acordava com os pés da minha irmã empurrando o meu colchão para me acordar. Toda manhã estendíamos as nossas camas e a dos nossos pais. Cantávamos algumas músicas que criávamos, como a Bonde do Colchão. Não me lembro dos versos e nem mesmo dos motivos de quando as canções viravam discussões. Mas o aperto dos sapatos, do quarto e da incerteza só se aliviava ao lado da Carol. Há esquecimentos que considero imperdoáveis, gostaria de lembrar mais da nossa irmandade do que das transições que encobriram os meus pés.



Fonte da praça central de Campo Belo, 25 de dezembro de 2011.

Eu adormecia ao som dos grilos, do tic-tac do relógio de parede, do resmungo da geladeira e da rodinha do hamster que girava a noite inteira. O Tuti, com seu hábito crepuscular, roía suas sementes no escuro e caía de sono com suas bochechas cheias de comida. Quando eu limpava sua gaiola, o deixava correr pela grama do quintal por alguns instantes. Tuti era pequeno, mas tinha forças para escalar sua gaiola e meus cabelos. Em uma tarde, minha mãe estava de folga e foi me buscar na escola, no caminho ela comentou que o Tuti não aparentava estar bem. Ele parou de correr, de escalar e de comer. Quando cheguei em casa, o Tuti já tinha partido, sozinho, enquanto eu estava longe. Depois de velá-lo com os nossos lamentos o envolvi em uma flanela. Abrimos uma pequena cova na horta e o enterramos, marcamos seu túmulo com uma cruz de madeira. No outro dia, acordei após a primeira noite sem ouvir o giro da roda e roídos.



Tuti, 2012.

Naquele ano, outra forma de sentir passou a existir de um jeito apertado. Eu a silenciava porque naquela casa, e em qualquer outra, faltava espaço. Eu restringia meus pensamentos, pois temia que alguém os ouvisse. Eu só olhava e isso bastava, não podia me apaixonar, o amor não teria lugar e tempo de emergir, já que algum dia eu iria me mudar. As flores saem, os ovos se chocam, os morcegos cruzam o céu sob as estrelas que me contam que, mesmo juntas, seguimos sós. Em setembro de 2012, me mudei da Casa do Juninho, meus pais escolheram fazer a mudança como fuga do barulho constante daquela vizinhança e dos quartos apertados. Não ficamos a tempo de ver as flores virarem frutos.

Poema “Prescrição de sentimento” escrito em junho de 2020:

*O cheiro de basílico ainda está aqui,
passam-se anos e ele nos rodeia.
Mas nunca o colhemos.
Quem sabe na próxima primavera.*

*Faça sentido ou não,
o essencial é que se faça sentindo
e depois incorpore coragem.
E na falta dela, deixe faltar?*

*É que sou muito velha,
já não é mais época de basílico para mim.
E eu sou muito nova,*

*o cheiro de basílico não vale nada para mim.
Ainda é inverno.*

*A forma do meu sentir é soturna.
Ando em círculos e em instantes
concluo que sou exígua.
Coisas, me sentem de que forma?
Talvez eu não seja sentida
e nunca tenha sentido.*

*Cá consigo sentir a aspereza da vida
enquanto outros sentem a maciez.
Meus pés não me sentem, mas eu os sinto
e vez ou outra deixo que eles se sintam.
A forma do meu sentir é singular.*

*Se formos sutis,
o chão ainda sentirá nossa sombra.
E se formos estridentes,
o tempo e o som nos deformam.
Fico à procura da prescrição de sentimento.*

Passei a ver muros ao invés de quintais, as árvores e terras férteis mais uma vez ficaram para trás. A nova moradia era em um prédio de dois andares, minha família o chama de “Predinho”. Morávamos no último andar, o chão era de taco, somente a cozinha e a área de serviço eram de piso. Depois de limpar, os tacos eram encerados e eu ficava isolada na cozinha esperando a cera secar. Do

lado de fora da janela da sala, havia um vespeiro; por isso, a janela era mantida fechada durante o dia. Eu não dividia mais o quarto com a minha irmã, a não ser quando eu tinha algum pesadelo e pedia para dormir ao seu lado.

No apartamento não tinha espaço para nossos dois cachorros, com isso, o Scooby foi levado para Divinópolis para ficar na casa do meu tio Olegário. Eu era muito próxima do Scooby e me doeu voltar para Campo Belo sem sua companhia. A Laila seguiu com a gente, mas agora ela só tinha tacos e pisos para correr. Em 2013, passei a estudar de manhã, eu deixava minhas roupas e sapatos com os cadarços passados, prontos para o dia seguinte. Meu pai me levava e minha irmã me buscava. Ela preparava o almoço - arroz, feijão, bife, alface e tomate - e almoçávamos juntas antes dela seguir para sua escola e eu para a casa da minha avó Maré.

A tarde se transpassava ao som das roupas costuradas pela máquina da minha avó, o seu overlock gritava e o chão se enchia de fiapos. A tesoura cortava as nossas frases que eram ditas no intervalo das costuras, um viés aqui e outro lá. Eu via minha avó franzir vestidos e saias e, às vezes, sua testa e lábios quando algo dava errado. O tempo na casa da avó materna sempre parecia mais longo, diante das histórias do passado guardadas juntas aos carretéis, eu não pensava no futuro. Lá eu colhia mexericas, tomava café, comia doce de leite com queijo e jantava seu mexidão mineiro.

Minha avó Maré, após seu divórcio com meu avô Barbudo, se mudou sozinha para São Paulo quando seus filhos estavam na terceira infância e voltou no meio de suas adolescências. Partiu, mas voltou. Até hoje ela mora na mesma cidade e, depois de anos, após outra separação e outras mudanças de casa, finalmente parece estar em paz.

Planta árvores na nova casa, decora, pinta e instala calhas, continua fazendo suas costuras, mexidos e seus cafés. Eu queria, quem sabe, viver como uma maré de mar, mesmo tendo nascido neste estado sem maré. Maré - aquela que vai, mas volta - que encontra abrigo nas águas para retornar. Queria que as voltas fossem espumosas e salgadas, e não, outra vez, sem gosto e cortantes. Voltas que são sempre repicadas pela tesoura da distância. Queria ser maré de mar, mas sigo aqui, passando de barco em barco.



Eu e a vó Maré, Maria Helena Oliveira, 2009.



Scooby na casa do tio Olegário, 2012.

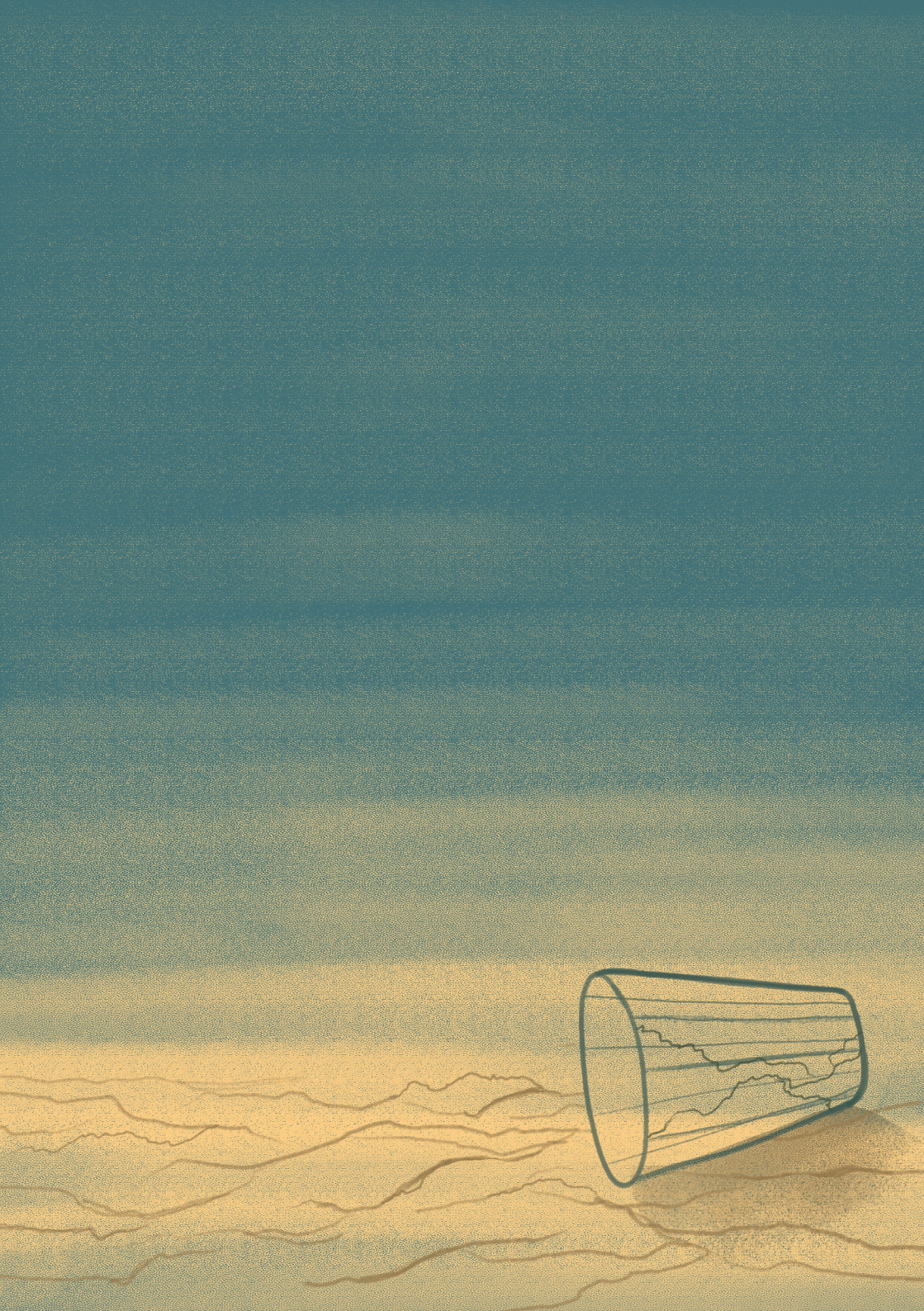
No Predinho, não tínhamos interações com os vizinhos que moravam no andar de baixo. Em uma noite, meu pai chegou do trabalho e pediu para o pai da vizinha de baixo retirar o carro da frente do portão da garagem para que ele conseguisse estacionar. O homem estava bêbado e começou a ameaçar o meu pai de morte. Depois de muita discussão, meu pai conseguiu entrar em casa. No outro dia, recebemos por baixo da porta uma carta da vizinha, ela tinha escrito um pedido de desculpas. Pouco tempo depois, ela passou a nos incomodar. O apartamento era do primo da minha mãe, descobrimos por meio dele que a família do primeiro andar estava há anos tentando comprar o apartamento, por isso discutiam com todas pessoas que passavam a morar lá.

A vizinha batia no teto e rabiscava as paredes das escadas na tentativa de nos acusar de depredação. Tudo passou a ser controlado, a música, as brincadeiras, a televisão e até o cheiro da comida. A partir de então, começamos a ter um pé atrás com qualquer vizinho. Estávamos procurando um novo lugar para morar na cidade, mas meu pai recebeu outra transferência de cidade, dessa vez para Formiga. Comecei a retirar novamente as pistas de que estive naquele lugar e a deixar a estabilidade entregue aos tijolos que ficavam. Nessa altura eu já sonhava com um teto que fosse meu, mesmo não sabendo o que era preciso fazer para se ter um teto e todo o resto.

Meu pai mudou antes, a empresa lhe garantiu um quarto de hotel por um mês. Minha mãe, dessa vez, não queria largar o emprego, nem seus familiares, principalmente meu avô que estava se recuperando de um AVC. Era início do ano de 2014 e eu não estava matriculada em nenhuma escola, nem em Campo Belo e nem em Formiga. Eu vivia suspensa entre duas cidades, presa ao impasse de

quem ainda não sabia se ia ou se ficava. As discussões se estendiam pelos dias e noites e a palavra separação fazia uma visita naquele andar. No fim, minha mãe decidiu ir. Não suportava mais aquele prédio e tampouco a ideia de criar filhas entre dois endereços. Minha irmã e eu seguimos em um ônibus com minha mãe para Formiga, fomos procurar uma casa nova e nossas futuras escolas. No ônibus, um homem carregava uma galinha em um saco, que se mexia inquieta e cacarejava em surdina. Ela também não sabia o que a esperava.

No meu último dia no Predinho, eu estava no que antes era meu quarto. Restavam apenas a cama, algumas caixas empilhadas no canto e uma TV de tubo no chão. O quarto parecia ser maior. Como sempre, o eco na residência chegava aos poucos, mas o caminhão já se encontrava na rua. O cansaço pesava sobre o meu corpo, a mudança acontecia e eu assistia à *Sessão da Tarde* enquanto estourava um plástico bolha. Na televisão passava o filme *Soul Surfer*, que retrata a vida de uma surfista que perdeu seu braço em um ataque de tubarão. Nunca terminei de assisti-lo, assim que a surfista foi mordida, eu desliguei a televisão e a levaram para a boca do caminhão. A mudança tinha que acontecer. Desci do prédio e entrei no carro. Minha mãe tirou os sapatos, bateu um no outro e disse: daqui eu não levo nem a poeira.





ESTIAGEM

ESTIAGEM

Se existe tempo seco é porque um dia houve chuva. Na Casa de Formiga havia um terraço, de lá era possível ver uma parte da cidade. Quando nos mudamos, no primeiro mês, meus pais disseram inúmeras possibilidades de coisas que poderíamos fazer no espaço ou colocar nele. Era uma nova casa e seria uma nova vida. Parecia que tudo seria diferente, lá passamos a ter uma mesa de jantar. Eu pensava nas refeições que faríamos juntos e nas confraternizações que preencheriam a casa e o terraço. Contudo, a rotina continuaria desconexa, cada um com o seu próprio tempo, com seus próprios interesses e suas próprias ligações. “Você sabe que não tenho hora para voltar”, meu pai dizia.

Me vi com um novo mapa em mãos para ser desenhado, outros cômodos para se acostumar, interruptores para serem memorizados, chaves e registros para serem achados e empurrões secretos - que abrem as portas emperradas - para serem treinados. O som da nova vizinhança é sempre estranho, outras vozes e músicas, outros nomes e motores. Depois da mudança, todas as louças que foram enroladas nos jornais são lavadas e os próximos dias são dedicados a remover o pó insistente dos móveis que foram remontados. O chão me mostra o caminho que a água faz e a nova cadência que me resta aceitar. “Será que aqui chove muito?”, minha mãe me perguntava enquanto colocávamos a roupa para quasar. A campainha toca e a dúvida surge:

“Será que foi aqui?”. Em algum momento, começamos a receber as correspondências do proprietário da casa e um canto da estante passa a virar o escaninho.

Quando apareceria as cartas da minha família? Quando eu passaria a receber as minhas próprias cartas? Qual seria o endereço que acompanharia meu nome no envelope? Após a chegada das cartas que não me pertenciam, eu sentia que os antigos moradores ainda estavam naquela casa. Eles estavam nas cartas, nas marcas, nas visitas esporádicas em busca das correspondências e nas paredes. Os nomes dos proprietários eram uma presença silenciosa que me lembrava que aquela casa não era minha. Aquelas cartas me lembravam que aquele lugar já tinha sido lar de outras famílias. Às vezes eu imaginava a vida que aquela casa presenciou. Quem ocupou meu quarto antes de mim? O que ficava nos pregos que ainda estavam na parede? O que será que deixou certas marcas no chão? Quando esses varais foram pendurados? Mudar de casa é um encontro com velhas roupas que serão estendidas em novos-antigos varais.

Velhas roupas para serem estendidas em novos varais.



Terraço da Casa de Formiga, primeiro dia morando na cidade, 28 de março de 2014.

A minha nova escola, *E. M. Professor Franklin de Carvalho*, ficava a alguns quarteirões da minha casa. Meu primeiro dia de aula foi no início de abril, depois de dois meses que o semestre começou. Naquele momento, todos alunos tinham seus lugares no mapa da sala. Fiquei na frente do quadro, olhando para o chão, enquanto a professora encontrava um lugar para colocar uma mesa para que eu me sentasse. Meu nome já estava na lista de chamada, seguido pelas minhas ausências. Algumas crianças me disseram que achavam que eu não existia, outras me perguntaram se eu era fugitiva, cigana ou nômade. Eu só esperava pela hora de ir embora. Quando cheguei em casa, minha mãe me perguntou se eu já tinha feito amigas e eu menti que sim.

Naquele dia levei para casa os cadernos de uma menina, eles

foram emprestados para que eu copiasse a matéria atrasada. Passei a tarde e a noite copiando ininterruptamente todas as aulas passadas em dois meses e, no outro dia, devolvi os cadernos. Estava apreensiva por estar atrasada no conteúdo, mas, enquanto eu escrevia, percebia que aquelas lições não me eram novas. No primeiro semestre, senti como se eu estivesse repetindo o ano, pois já tinha aprendido aquelas matérias na escola de Campo Belo. Ainda assim, eu não era a mesma. Eu crescia, tudo se encurtava: as minhas calças e as conversas. Todas as amizades que eu havia construído na outra cidade se perdeu pelo caminho.

O grão de arroz cai para fora da panela e não tem tempo de saber o que é amolecer. A colher mexe, a água é despejada, o fogo abaixa e os outros grãos continuam unidos, úmidos, se expandindo juntos. A maior parte das pessoas que conheci pelas cidades que passei tinha algo em comum: odiavam suas cidades por algum motivo e tinham a estabilidade que eu sonhava. Eu ouvia as tradições de outras famílias: viajar em todas as férias, frequentar o mesmo lugar aos finais de semana, reunir no fim de ano no mesmo espaço ou reformar as próprias casas. Na nova escola, me perguntaram o que eu e minha família fazíamos todo ano. Eu não soube responder. Quase todo ano nós nos mudávamos e era isso que eu tinha para contar. É isso que eu tenho para contar.

Era sexta-feira santa e meu pai estava de folga do trabalho. Íamos, finalmente, usar a mesa nova. Eu me sentava no sofá com os meus pais enquanto o bacalhau era assado, até que o telefone tocou, era o meu tio Olegário. O Scooby se foi, e eu estava longe. Subi as

escadas até o terraço, fiquei abraçada à Laila, que lambia minhas lágrimas. Naquele dia, crucifiquei o supermercado, meus pais e a mim mesma, por não conseguir estar perto de quem eu queria. Na sexta em que nenhuma missa é celebrada, passei os dedos pelas páginas litúrgicas amarelas pedindo por uma ressuscitação. Abril começou com mentiras e terminou com verdades difíceis de acreditar.

No meio do ano de 2014 soprei vuvuzelas verdes e amarelas e, como qualquer criança, as soprava alto. A vizinhança ficava sabendo que eu existia, sim. Depois chegou setembro e, mais uma vez, cheguei em uma nova idade. Desenhei meus convites e entreguei a todas as meninas da minha turma. Minha mãe encomendou salgados, doces e um bolo. Quando cheguei da escola, arrumei o terraço e fiquei na esquina de casa, esperando as convidadas. Escureceu. Meu pai e minha irmã chegaram, e comemos o bolo sentados à mesa de jantar. Nós quatro. No outro dia elas me entregaram bilhetes com seus pedidos de desculpas. Elas não foram porque seus pais não sabiam quem eu era.

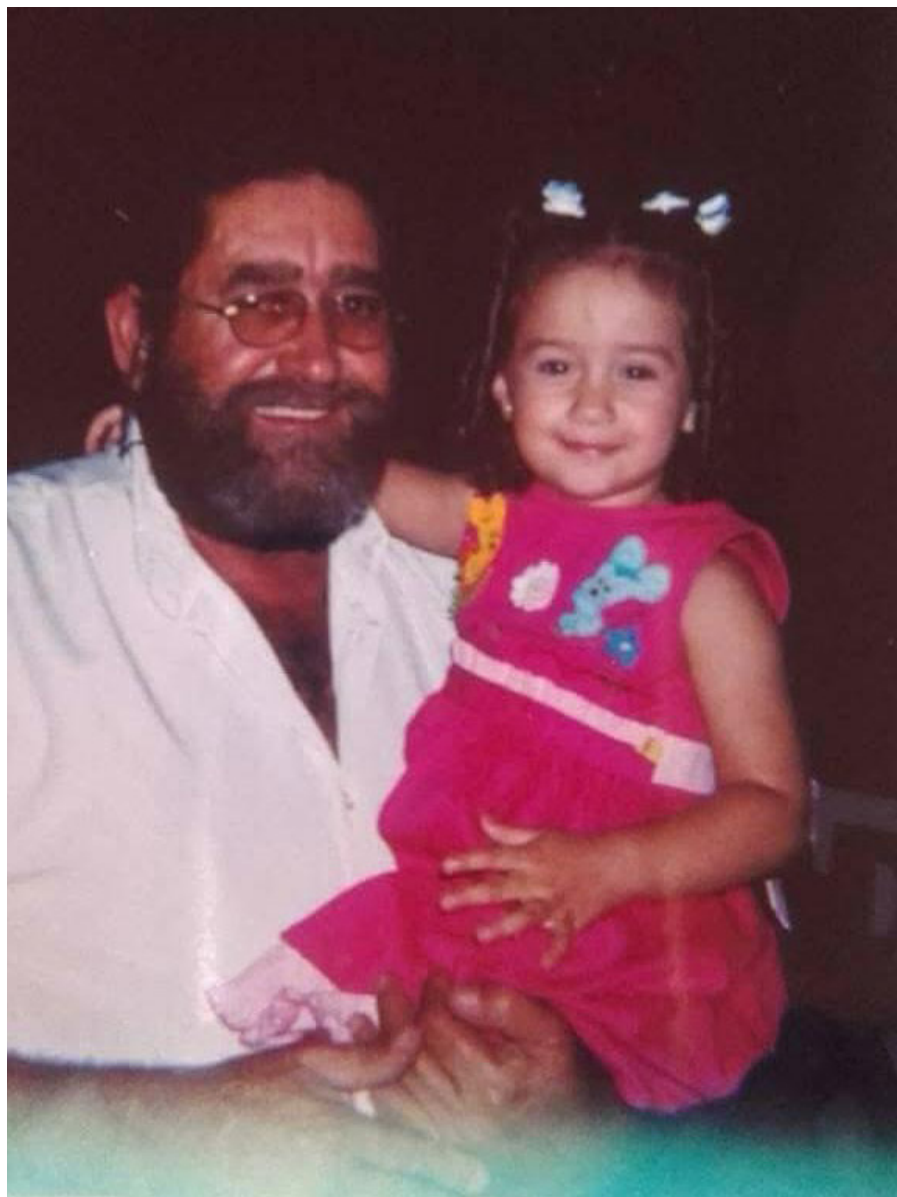
Foi a primeira vez que soprei as velas desejando uma mudança de cidade. Eu odiava morar em Formiga, com aquele clima seco. No início de outubro começou a faltar água, não só na cidade, mas em toda região Sudeste. A maioria das minhas lembranças de Formiga é marcada por ressentimentos. Pensava apenas que, quando eu fosse embora, nunca mais teria que andar naquele centro desarborizado, me sentar ao lado daquelas crianças e estudar naquela escola.

A primeira vez que vi um cortejo fúnebre foi em 2011, eu morava em Campo Belo. Estava em casa com minha mãe quando ela me chamou: iríamos a um cemitério. Fechamos a casa e fomos, imitei minha mãe e vesti uma blusa preta. Chegamos na frente do Cemitério Bom Jesus de Campo Belo, ele ficava na rua de trás da Casa do Zenon, onde morávamos na época. Sentamos na calçada da rua que levava às portas do cemitério. Era um morro longo. Lembro que esperamos por muito tempo. Mas minha mãe esperava com calma, ela sabia que o cortejo da mãe do nosso vizinho Roberto chegaria em alguma hora. Eu nunca tinha estado em um velório, nem em um cemitério. Quando o caixão e as pessoas surgiram no final do morro, minha mãe se levantou e eu fiz o mesmo.

As pessoas subiam em silêncio sob o sol, algumas carregavam o caixão, outras coroas de flores, mas todas traziam o mesmo olhar de quem já deixou de procurar. Quando o cortejo passou por nós, Roberto nos viu e fez um gesto de agradecimento com a cabeça. Naquele dia, aprendi que, quando alguém parte, o cortejo não é só para quem vai, mas também para quem fica. Porque quem fica não pensa mais em cortina, caixas, sapatos, serras e nem mesmo no tempo de seca. Era quarta-feira, o telefone tocou e retornamos à estrada. Eu e minha família percorremos, em silêncio, o asfalto de Formiga até Campo Belo. Não cheguei a tempo para me despedir, as flores brancas já o rodeavam e agora eu estava ainda mais longe do meu avô.

Dez anos depois, em dezembro de 2024, retornei à casa onde meu avô morava. Pensei nas palhas que envolviam as pamonhas e guardavam uma tarde aquecida, pensei também nos picolés de milho que pingavam no tempo do nosso riso. Pensei em você, meu avô. Hoje falei teu nome em voz alta e relembrei de como eu costumava te chamar, Barbudo. Mantenho ativo o mesmo número de celular, mesmo sabendo que você não vai ligar. Te procuro nas saídas de escolas e nos cafés ao entardecer. Te encontro em fatias de tortas, nos milhos e antes do amanhecer. Escutei de novo *Chão de Giz*, que você cantava me revelando seu passado, aquele seu presente e o seu futuro. Você a cantava sem esforço nenhum, como se ela já fizesse parte do seu ser. Eu voltaria no passado para gastar o meu batom em um beijo na sua bochecha e te deixar sujo de apenas um cigarro. Eu voltaria para teu abraço bom e, quem sabe, mais uma volta de carro.

Queria te contar alguma coisa, voltar a falar sem as rédeas do silêncio da sua partida. Talvez eu te falaria imaturidades e contrariedades. Talvez eu te falaria de estruturas e passados. Talvez eu te falaria sobre as delimitações imaginárias e da necessidade humana de encaixar tudo em uma temporalidade. Talvez não. Você, fazem quase onze anos que transito no acordo social que me fizeram, o acordo de que o luto um dia se esvai e se transforma em saudade. Mas eu conheci a saudade antes de você ir e o luto, eu descobri, não se transforma. Desejo seu descanso, sim. Sinto sua falta, sim. Lembro de você ao entardecer, sim.



Eu e o vô Barbudo, José Vicente da Silveira Saldanha. 2005.

As plantas que ficavam no terraço morreram sem água e esquecidas. Na estrada a boca secava e não havia parada no caminho, passávamos por aquele luto árido. Minha mãe tem os olhos grandes, de quem já se enxerga em um outro lugar, herdei o mesmo formato dos seus olhos e eu a via olhando para lugar nenhum. As cortinas permaneciam fechadas, os pratos e copos intocados. Eu arrastei o final do ano letivo. A produtividade não nos dá brecha para abrir a porta que vive fechada, nem mesmo com empurrões secretos. A necessidade de ser alguém, desde que seja longe desse espaço, não abre portas ou janelas para que os olhos e ouvidos mostrem seus sentidos. Essa névoa intercepta o desgosto, ela só nos diz: siga toda vida, siga. Não nos cabia sentir, chorar ou gritar? Não agora? A partida de alguém, quando se é multiplamente pré-avisada, deveria ser como acalento, não como mais uma culpa carregada. Nunca deixei de enxergar as luzes traiçoeiras pelas frestas. Eu decorei todos os relevos daquela porta, pois era nela que eu tocava, era para ela que eu olhava.

Às vezes, precisamos chegar no que julgamos ser a metade do tempo e na metade de nós para perceber que a metade vivida não precisava de tantas vírgulas, tantos sinônimos, tantos adendos e tantos “tantos” como esses. Depois de atravessarmos esses tantos, deveria ser apaziguador notar que é só no deserto que podemos beber o copo inteiro de nós. Na forte zona tropical, onde umedecem nossas bocas sem nenhum pedido, não tocamos os lábios nem mesmo na borda do que somos. Mas é nessa umidade, não idealizada, que começamos a desejar por uma rebelião de forças dipolos e a suplicar.

Suplicamos para sermos escolhidas como uma dessas forças opostas que se atraem. Mas a escolha nunca vem, pois somos iguais. Igualmente curiosas em nos queimar, apesar da vegetação. Iguais

em querer calor, mas querer ainda mais as primeiras gotas, depois as chuvas e, indiscutivelmente, os temporais. As maiores aspirantes dividem o mesmo corpo com a postergação. Postergamos para enxergar o tropical ressecado pela nossa aridez e para sair de dentro da rachadura que estamos. Nesse clima de deserto, a umidade ou a falta dela não fazem mais diferença, pois acabei de passar pela estiagem de mim.





PALAVRAS

PALAVRAS

As despedidas passaram a ser ritos de véspera. Os meus pais diziam para evitar os vizinhos e não fazer alarde. Minha fuga de um lugar que ninguém me conhecia era mantido em segredo e os comandos sistemáticos eram seguidos. Não deixar que ninguém veja as caixas. Não falar o dia que vou me mudar. Não contar para onde vou até que eu tenha certeza. Esses eram os meios para tentar espantar algum possível mau agouro. Mas a rua avisa, o caminhão atrai olhares e a casa não esconde que agora está sozinha. Em janeiro de 2015, as palavras Carretos e Mudanças retornaram para frente do que era minha moradia.

Pela estrada, em direção a nova cidade, meu pai cantava sua versão inventada de Palavras ao vento. “Pra Lavras, pra Lavras, pra Lavras...”, ele cantava e me olhava pelo retrovisor, sorria como se estivesse à espera de que eu me unisse à sua alegria de estar em trânsito. Eu me uni, já que, como tanto eu desejava, estava indo embora de Formiga. Ele me dizia fatos sobre a cidade, parecia até que já gostava de lá antes mesmo de se mudar. Nas palavras dele, eu e minha irmã poderíamos entrar na Universidade Federal de Lavras e cursar alguma engenharia. Eu tinha onze anos e, distante da graduação, já tinha deixado de criar ou embarcar em sonhos a serem realizados nos espaços que um dia deixariam de ser atuais. A deslocalização já tinha tomado a minha realidade.

“Palavras, apenas.

Palavras pequenas.

Palavras.”

Na primeira manhã na nova casa, deitei no chão da sala e fiquei rodeada pelo clima de verão e do ar de pós-mudança. Caixas e mais caixas se empilhavam no sofá. Abria algumas delas enquanto assistia à reprise do *VMA* de 2014. Havia uma janela de vidro que dava para a rua, ela estava sem cortina. Alguns vizinhos que passaram pela calçada diminuíram os passos e olharam para o cômodo e para mim, eu retribuí os olhares. Não reconheci ninguém e não fui reconhecida também. É uma imagem rara que tenho daquela sala: depois que as cortinas foram instaladas, elas pouco foram abertas.

O telhado da Casa de Lavras era infestado por pombos, o ninho era próximo da janela do meu quarto. O vidro e o peitoril recebiam suas fezes e penas todos os dias. Tentávamos espantá-los, mas eles sempre voltavam, pois a casa era deles. A garagem e o quintal eram interligados por uma rampa de pedras miracema, ela dava em um grande terreno cimentado com paredes acinzentadas. A casa do lado direito era repleta de árvores e a do lado esquerdo possuía uma piscina e outras árvores. Enquanto os pássaros dançavam entre os galhos vizinhos, eu andava de bicicleta em círculos pelo cimento do quintal. Na casa da piscina, morava uma criança. Nunca a vi. Às vezes, escutava a sua voz e a ouvia passar as tardes tocando teclado. Eu passava as tardes lendo, estudando e ouvindo os pombos no telhado.

Uma semana após a mudança, tive minha menarca. Chorei por dias. Tudo me entristecia, os comentários, as dores, o aroma e o barulho do absorvente. Cada detalhe me lembrava que eu tinha

mudado. Eu justificava minhas lágrimas dizendo que eu não queria deixar de ser criança. Essa mudança não tinha volta. Até então, eu ainda tinha a estabilidade de estar na infância. Aquelas telhas não chegaram a conhecer meus dentes de leite, todos já tinham sido trocados. Naquele chão, nenhuma amarelinha foi desenhada. Os brinquedos ficaram enclausurados no porão até serem doados. Os ursos de pelúcia se tornaram os vigilantes do meu quarto e nada mais. Aos poucos, me despedia da criança que fui e, igualmente, aprendia a resgatá-la. Entre uma tarde ou outra, ela estava lá: assistindo desenhos animados, correndo pelo quintal ou descendo a rampa sentada em um papelão ou em uma cesta de supermercado.



Eu e a Laila dentro de uma cesta de supermercado. 2015.

No meu primeiro dia de aula em Lavras, achei que eu não seria a única novata, já que as aulas começaram para todos naquele mesmo dia. Mas não foi isso que aconteceu. A turma já se conhecia, muitos estudavam juntos desde o 1º ano, a nova escola, *Escola Municipal Doutora Dâmina*, parecia pequena com todos aqueles vínculos já criados. A única novidade que compartilhávamos era o começo do 6º ano. A partir dali, passei a ter um professor para cada matéria, de aula em aula, eu me apresentava novamente e surgiam as mesmas palavras:

- “Você é de onde?”, perguntavam.
- “Eu me mudei de Formiga”, respondia.
- “Quem nasce em Formiga é o que?”, insistiam.
- “Não sei”, devolvia já sem muitas palavras.
- “Mas você não é de lá?”, seguia o interrogatório [...]

Uma vida inteira sendo eu e ainda não sei responder de onde sou. Às vezes, digo o nome da cidade onde estou morando; outras vezes, o lugar onde nasci, mesmo sem sentir que pertenço a nenhum dos dois. Em alguns momentos, respondo a cidade onde meus pais estão morando, embora eu já não more com eles; logo, não sou “de lá” também. O que sentem as pessoas que se reconhecem como pertencentes a algum lugar? Como deve ser carregar a certeza de que existe um ponto no mapa que se pode retornar? Como seria ter minha história entranhada nas ruas, nas calçadas e nas esquinas de uma cidade só? Como é saber de detalhes e ritmos de uma cidade porque simplesmente se sabe e sempre esteve lá? Não sei. As cidades se desnudam paulatinamente para mim até que eu e elas fiquemos

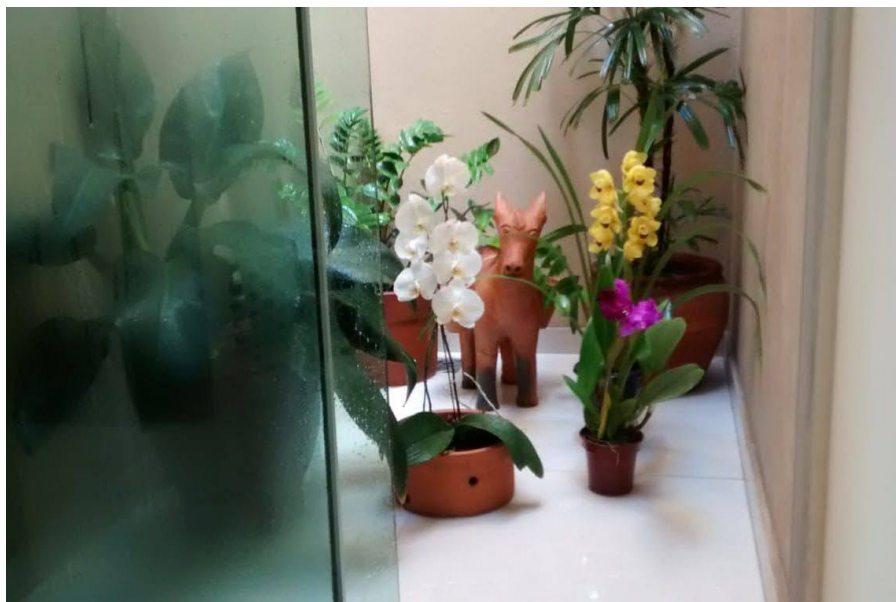
somente na memória.

No final da aula, eu passava pelo silêncio que vinha das portas do cemitério que ficava ao lado da escola e no topo do morro que eu morava. Eu descia a rua, cruzava as portas da casa e, depois do almoço, quase sempre chegava a solidão. O cheiro da banana frita pairava no ar, a canela e o açúcar ainda permaneciam no meu paladar, mas as portas já haviam se fechado e eu só voltaria a ver quem me nutriu ao anoitecer. Eu ficava vagando pela residência com os odores de fritura e, entre as instabilidades, procurava companhia na literatura e nos estudos. Naquele ano, li tudo de todos livros didáticos, era o que eu podia fazer. Depois das cinco, eu ia para a sala esperar a minha irmã voltar da escola. Ligávamos a televisão no programa *MTV Hits* e as palavras retornavam. Meu pai chegava do trabalho já à noite, depois das seis, sete, oito, nove, dez... Trazia consigo algumas comidas do supermercado para o café, na maioria das vezes, pão de queijo, queijo e requeijão.

Escorpiões e aranhas armadeiras apareciam com recorrência na Casa de Lavras. Olhar todos os cantos do meu quarto antes de dormir e tomar banho de olhos abertos, vigiando o ralo, passou a ser um hábito. Comecei a seguir uma rotina de checar o invisível. Acordava e dormia em estado de alerta: meus pés não tocavam o chão sem verificar o território. Os meus pequenos gestos eram feitos com vigília, tudo era tocado com cuidado, os frascos que ficavam na janela do banheiro, os sabonetes, a esponja, os azulejos, as toalhas, os tapetes e as roupas. Tudo poderia esconder um possível aracnídeo.

Naquela cidade, presenciei fortes temporais. Alguns vasos de plantas ficavam em um jardim de inverno, todas folhas ficaram esburacadas após uma chuva com granizo em agosto de 2015. Pela

cidade, casas foram destelhadas e alagadas. Me recordo da quadra da escola estar quase sempre molhada quando ia para a aula de educação física. Os limpadores de para-brisa precisaram ser trocados pelo desgaste. As árvores se curvam, a paisagem some, o vento uiva pelas frestas e a água nos move, nos golpeia de gota em gota e molda um caminho mais forte que qualquer querer.



Jardim de inverno na Casa de Lavras. 2015.

Entre águas e ventanias eu tentava criar laços verdadeiros. Aprendi tratos e palavras novas, eu dizia “sim” para a amizade mais uma vez. As amigas mais próximas foram duas Anas. Ana Cecília e Ana Clara. Me recordo de quando plantamos uma jiboia na aula de ciências. Capturamos minhocas que foram transportadas para o fundo

de uma garrafa, com terras escuras e argila que elas não conheciam. Passaram a se locomover entre as raízes daquela trepadeira que ainda mora com os meus pais. Me vi novamente rodeada de outras promessas plantadas. “Não se esqueça de mim”. “Não vou me esquecer de você”.



Colegas de Lavras. Setembro, 2015.

Naquela sala de aula fiz amizade também com um garoto. Eu retornava para casa pelo mesmo caminho, mas com um novo pensamento me acompanhando. Às vezes conversávamos por bilhetes que eram colocados dentro dos estojos e apontadores. No final da aula, todos papéis iam para o lixo. Ele roubava meus lápis e eu apagava as palavras que ele tinha copiado. Olhares e implicâncias eram trocados, mas nossas mãos não se tocavam.

O estofado do sofá foi reformado em Lavras. A sala ficou vazia até que ele retornasse com sua cor restaurada e sem os rasgos que ele tinha. Quando voltou, todos os dias, minha mãe pedia que eu e minha irmã o limpássemos, porque ela sentia um cheiro forte que vinha dele. Eu não sentia nada. Usamos todos os produtos possíveis, mas o cheiro a perseguia. Ela passou a evitar a sala por um tempo. Certo dia, a porta do seu quarto estava aberta, eu entrei e deitei em sua cama ao seu lado, fazia tempo que eu não sentia o toque daquele colchão. As cortinas estavam abertas e a claridade amarela do fim de tarde caía sobre nós. O céu estava sem nuvens. Tudo ficou ainda mais às claras. “Mamãe quer te contar uma coisa”. Ela contou e depois perguntou: “Você vai achar ruim em deixar de ser caçula? E em deixar o seu quarto?”. Voltei para o sofá, deixando os dois no silêncio do quarto. Eu passei a evitar esse assunto por muito tempo.

Os dias seguiram e, em um deles, meu pai estava me esperando na esquina da escola. Ele me levou ao hospital. Minha irmã havia sido internada com febre alta e hemorragia, ela estava com dengue. Pouco depois, minha mãe também adoeceu, no caso dela foi o vírus da zika. Durante vários dias, eu ia direto da escola para alguma ala hospitalar acompanhá-las. Não havia muito o que eu pudesse fazer. Apenas rezava em voz alta. As duas conseguiram se recuperar. Algumas semanas se passaram e, dessa vez, minha irmã me esperava na porta da escola. Enquanto descíamos o morro, ela me disse que nossa mãe estava no hospital. No ultrassom, viram que o feto não conseguiu se desenvolver por má formação cerebral. Quando chegamos, minha mãe estava encostada em uma pilastra, no meio da recepção. Tentei abraçá-la, mas as suas palavras chegaram antes.

*“Palavras.
Ao vento.”*

Se chamaria João Gabriel. Teria nascido em Lavras. Eu seria sua irmã. A próxima mudança ganharia suas caixas e seus móveis. A casa incubou nosso silêncio e ecoava o que não existiu. Abandonei de vez tudo que me era infância. As orquídeas perdiam as pétalas e ninguém dizia nada. Passei a sonhar com ele e, a cada sonho, ele está mais velho. Na última vez, sonhei que eu estava em um supermercado comprando maçãs. Ele as pegou e me abraçou antes de ir embora no meio de uma ventania. Por mais que eu procure o significado de tudo - até mesmo das palavras e dos sonhos - a força de alguns ventos não se explica.

A maioria das distâncias que cruzei foi com pai e mãe. A primeira distância entre corpos foi com mãe e pai. Fora das estradas. Longe dos quilômetros. Entre paredes, na mesa da cozinha, às vezes por causa da mesa, às vezes por causa das cadeiras vazias. A distância chegou pelo corredor, ninguém de fora influenciou. A suíte de um lado e meu quarto do outro. Eles escondidos com suas palavras e eu com as minhas. Apesar da distância entre nossos corpos, eles ainda se envolvem, porque mãe-pai-filha é igual a casa-caminhão-cidade para mim. Também sei pouco sobre eles. Talvez não tenhamos tido tempo de ser muito além de pessoas que se mudam ou que estão prestes a se mudar. Nosso principal assunto sempre foi mudança, uma nova ou uma que se passou. Nossas principais memórias em conjunto são sobre as cidades atravessadas. Não sei como as mudanças aparecem na mente dos meus pais. Elas são assim para mim: em cada mudança,

casa-caminhão-cidade se encontram no final do dia, mas os três não se conhecem.

Em março de 2016, no início do 7º ano, cheguei da aula e a porta da sala estava aberta. Minha mãe já estava montando uma caixa. “Seu pai foi transferido de novo”. Era certo que esse dia chegaria. Parei de me dedicar às atividades escolares, as caixas se multiplicavam ao meu redor e tudo o que eu lia e copiava tinha uma única tradução: estou de mudança. Chovia e eu recolhia a casa para estendê-la em outro lugar. No dia primeiro de abril, tive meu último dia de aula em Lavras. Meu uniforme foi assinado por todos da sala, menos pelo garoto. Ele achou que eu estava mentindo sobre a mudança e não se despediu de mim. Antes da partida para a nova cidade, Passos, eu e minha irmã nos sentamos diante de uma churrasqueira de rodinhas, cercadas por pilhas de cadernos antigos. Folheamos os anos, selecionamos algumas páginas, rasgamos outras e ateamos fogo naquelas palavras. Não lembro quais papéis foram queimados, demos a nós mesmas a liberdade de deixar algumas palavras virarem cinzas.

Em algumas fotos de 2015 há um carro preto, ele era do meu avô Barbudo. Barulhento e fumacento. Depois do seu falecimento, ficamos com ele por alguns meses em busca de um comprador. O veículo foi vendido para um senhor que morava em Campo Belo. A caminhonete voltou a sua cidade de origem, a 60 km de Lavras. Já em Passos, na madrugada do dia 19 de novembro de 2020 - exatamente seis anos após a partida do meu avô - tive o que pareceu ser uma paralisia do sono. Eu o vi sentado na poltrona do meu quarto, ele usava a mesma

roupa que foi enterrado, com o seu rosto de 60 anos. Não me disse nada. Apenas fumava, como sempre fazia. Ao amanhecer, os quatro cantos do meu quarto cheiravam a cigarro, ninguém sentia o cheiro além de mim. No mesmo dia, viajei para Lavras com os meus pais, eles precisavam de algumas documentações que estavam na cidade. Eu e minha mãe paramos em uma esquina quando escutamos um assovio, o mesmo do meu avô. Ela me perguntou se eu tinha ouvido o assovio do seu pai. Respondi que sim. Olhamos para a rua e o carro do meu avô estava lá. Com a mesma placa. Com a mesma fumaça saindo do escapamento. Com o mesmo homem que o comprou. De cidade em cidade, as memórias retornam, feito fumaça.



Laila, a rampa e o carro preto. 2015.





CORPO

CORPO

A cabeceira da cama acordou encostada em uma nova janela. Feita de metal, na cor cinza e com venezianas. A parede possuía duas prateleiras grossas de madeira, estavam vazias. Meu guarda-roupa foi montado em um canto e por lá ficou. Meus olhos se fixaram em um ponto no teto, daquela distância eu não conseguia identificar o que era. Fiquei em pé na cama e vi que era um gancho parafusado. Deitei novamente e comecei a especular o que teria sido pendurado ali, até que alguns gritos que estavam longe ficaram mais próximos, cada vez mais altos. Abri as venezianas e iniciei minha primeira viglância daquela rua. Uma mulher estava sendo agredida por um homem. Seu corpo estava estirado no chão, algumas pessoas tentavam intervir, mas a violência persistiu até a chegada de uma viatura.

Aquela imagem e outras que se seguiram ainda estão penduradas na minha mente. A rua contornava um terreno baldio, o qual se estendia para o fundo da casa. As árvores, as folhas de mamonas, os entulhos e as brigas eram meus vizinhos. De tempos em tempos, algum móvel era descartado naquele terreno e depois ateavam fogo. Em uma manhã, na minha primeira semana morando em Passos, abri as frestas da janela e vi fitas amarelas delimitando o terreno e, no centro, um corpo coberto por um pano branco. Meu pai entrou no quarto, fechou a janela e pediu que eu me mantivesse afastada dela.



Sofá que mais tarde foi queimado. Setembro de 2021.

A Casa de Passos nos recebia após passar dois anos sem moradores. Quando chegamos, as fechaduras foram trocadas, pois estavam arrombadas. A área externa da casa acumulava guano de morcegos nas paredes, nos soquetes vazios, nas portas e janelas. Levou tempo até conseguirmos limpar tudo. Minha família se mudou para aquela casa porque era a mais próxima do trabalho do meu pai que estava para alugar, a rua ficava nos fundos do supermercado. Tentamos, mas a casa não perdeu o aspecto de abandono. Ainda assim, o lixo da vizinhança continuou sendo deixado na frente do nosso portão por alguns meses, pelo costume de quando a casa estava vazia. Além disso, na calçada havia vasos de plantas fixados ao chão, onde usuários de cocaína enterravam seus pinos usados.

Vesti o novo uniforme escolar e guardei na mochila os cadernos com as anotações feitas em outra localidade e em outro tempo. Atravessei o portão da *Escola Estadual Nossa Senhora da Penha*, me despedi da minha mãe e ela me desejou uma boa aula. Segui o diretor até onde seria minha nova sala de aula, entrei naquele espaço com paredes descascadas e mesas que ficavam próximas demais umas das outras. Sentei-me perto do quadro até que uma garota me avisou que ali já era o seu lugar. Fui para o fundo da sala onde havia espaço. Os alunos chegavam, alguns formavam pequenos círculos, cochichavam entre si e olhavam para o meu lado. Um grupo de garotos se aproximou e me cercou com perguntas e toques invasivos. Tocaram meu rosto, meus cabelos, meus braços... Um deles tirou minha mochila de cima da mesa e se sentou com as suas pernas abertas na minha frente. Levou sua pelve várias vezes até o meu rosto enquanto segurava minha cabeça. Outro, ao mesmo tempo, passou as pernas entre a cadeira e meu corpo e se esfregou em mim. Tudo foi muito rápido. Eu me levantei e, com muita dificuldade, escapei das mãos que me puxavam.

A professora chegou e todos voltaram para seus lugares. Ela me perguntou se os meus colegas me receberam bem e um deles respondeu no meu lugar dizendo que a recepção tinha sido boa. Eu disse que não e sem ouvir o motivo ela logo começou a discipliná-los. Após isso, os insultos começaram. No intervalo, um deles cuspiu na minha direção e disse: “Nem te achei tão bonita assim”. Os outros adolescentes pareciam não estarem surpresos com o que acontecia. Antes da aula acabar já estavam falando dos meus dentes e do tamanho dos meus olhos. “Tá assustada? E esse olho grande aí?”, diziam. Em casa, não consegui falar com os meus pais sobre o que aconteceu.

Passei a acreditar mais em como meu corpo era visto pelos outros do que como eu o enxerguei durante aqueles doze anos. Ao sorrir, eu colocava a mão na frente da boca e ficava atenta em nunca ampliar meus olhos demais. Fiz amizade apenas com duas garotas que sentavam ao meu lado. Elas tinham uma amiga que não quis se aproximar de mim porque era seguidora dos garotos e, por isso, acabou se afastando delas. Ela enviava um correspondente para me avisar que, no final da aula, ia me bater; outras vezes, ela se reunia com outras meninas e encenavam na minha frente os golpes que fariam, nunca passou disso. O que é muito adaptável um dia se desfaz. Eu estava longe das minhas amigas de Lavras, já não conversava com elas por mensagens todos os dias como nos primeiros dias por ali. As palavras sumiram como meu corpo tinha sumido de lá. Alguns dos meus cadernos tinham sido furtados por algum aluno. O que escrevi na outra cidade desapareceu.

Em uma tarde, uma outra menina que sentava ao meu lado me perguntou o que eu ouvia de música. Ela nunca tinha conversado comigo. Eu respondi que gostava de *One Direction*. Recebi interações sobre os detalhes da vida de cada integrante e algumas eu não soube responder. No final da aula, abri minha mochila para guardar meus materiais, ela estava cheia de lixo e com um papel escrito “*poser*”. Eu perguntei, algumas vezes, para os meus pais se eu não poderia ir para outra escola. Mas aquela era a escola mais perto da nossa casa e tinha sido difícil conseguir a minha vaga. Eu a ocupava entre episódios de ansiedade e disidrose. Não me lembro do que aprendi no 7º ano. Apenas que as cobras-cegas também são chamadas de cecílias, de modo recíproco.

Vivia em um mundo borrado, nada era nítido. Fingia que

não era míope, não queria que algo mudasse na minha aparência. Sentava-me no mesmo lugar no recreio, ao lado da porta da sala de aula. Demorou muito até eu entrar na fila do almoço na Penha. Não enxergava direito e nem queria ser enxergada, mas nenhuma cortina me acompanhava até à escola. A cobra-cega, parece com um réptil mas é um anfíbio, não consegue enxergar o que é e nem o corpo que tem. Tímida, prefere se esconder no subsolo. Entre aquelas camadas, aquele buraco-escola às vezes era meu refúgio da casa-abandono. Era cegueira ou discrição? Encenava que copiava a matéria do quadro e depois pedia o caderno emprestado de uma colega. Passei a prestar mais atenção no que era dito e os meus olhos cada vez ficavam mais perto dos livros. O mundo tinha perdido seus detalhes, vivi dois anos embaçados. Consegui fugir do oftalmologista até o meu 9º ano. Estava com -3,5 graus de miopia em cada olho. Até então, eu nunca tinha dito para ninguém, aos meus pais e ao médico eu disse que foi “do nada”.

Há vezes em que estou deitada em uma posição desagradável e, ainda assim, permaneço nela. Meu corpo começa a doer, mas continuo acreditando que é melhor evitar me mexer e remexer até encontrar outra posição. Pode ser frustrante não encontrar uma que seja agradável. Às vezes, parece até que ela não existe ou que a próxima será ainda mais desconfortável. Mas existe, sim, uma posição mais confortável. O corpo pode, sim, deixar de doer. Os olhos podem pedir para procurar algo novo no vasto horizonte e os dedos podem querer escrever o que deixou de ser escrito.

No último semestre do 9º ano a professora de língua portuguesa, Elza, avisou a turma sobre o processo seletivo de ensino médio com curso técnico. A maioria da sala já sabia sobre a seleção, eu ainda nem sabia que Passos possuía um instituto federal.

Enxerguei ali a oportunidade de sair daquela escola. Estudei dia e noite. Na inscrição escolhi o curso de Comunicação Visual apenas porque, naquele ano, eu tinha ganhado um concurso de desenho. Não pensava tanto em profissionalização, só na possibilidade de nunca mais usar aquele uniforme. Eu me afastei das poucas pessoas que eu tinha proximidade, só pensava nos meus estudos, nos espelhos de redação que eu precisava treinar e nas fórmulas matemáticas que eu precisava memorizar.

O piso do IF era igual ao da área externa da Casa de Passos. O mesmo, também, dos prédios da UFOP. Fora isso, nada mais era semelhante. A infraestrutura e o currículo do curso foram apresentados no primeiro dia pelo professor Tiago. Ele se apresentou como alguém formado em jornalismo e disse que seria o responsável pela disciplina de teorias da comunicação. Depois, pediu que todos alunos se apresentassem. Apesar de ser uma escola nova, eu me senti segura por não estar passando por aquela experiência sozinha. No início, eu ficava o dia inteiro entre aqueles prédios. Mesmo que em alguma tarde não houvesse aula, permanecia na escola estudando na biblioteca ou participando das monitorias. Nas primeiras aulas, eu sentia que eu não tinha tanto conhecimento e nem tantas referências como o restante da turma. A cada aula crescia a minha vontade de aprender mais e, junto dela, a frustração por não saber tanto quanto os outros alunos pareciam saber. Eu preferia as aulas técnicas, de humanidades e de linguagens. Mas sempre fui o tipo de aluna que guarda as perguntas e as perde pelo caminho de volta para casa.

Em casa, se eu chegasse depois das cinco da tarde, um interrogatório era acionado para descobrir o que eu estava fazendo na rua até aquela hora. Nada parecia justificável o suficiente. Não sei qual preocupação era maior: se eu estava namorando escondido ou se, naquele dia, eu tinha aprendido mais uma “coisa comunista”. Em 2018, um ano antes de começar a estudar no IF, eu já não compartilhava do mesmo espectro político que os meus pais. Quanto mais eu estudava, mais nos afastávamos. Em qualquer discussão ou depois de qualquer erro meu, a culpa caía sobre o que eu lia. “Fica lá com suas ideologias”, diziam.

Uma tentativa de convencimento, nada convincente, era dirigida a mim, na intenção de se livrarem do que chamavam de doutrinação. Depois, uma das alternativas encontradas foi a ideia de, caso eu falasse de questões sociais dentro de casa, iriam pedir ao supermercado que transferisse meu pai de cidade, de modo que eu deixasse o ensino federal. Na primeira aula de história, a professora Mariana perguntou a minha turma quais eram as nossas lentes para ver o mundo. Não me recordo o que respondi. Mas ainda continuo tentando identificar como enxergo o que acontece e o que aconteceu ao meu redor. Na infância, eu via e passava por todas aquelas mudanças de cidade sem conseguir nomear a razão que aquilo precisava acontecer. Meu corpo era levado, sem que lhe fosse ao menos perguntado se ele queria ir.

Nunca passei mais de 14 horas dentro de um supermercado em uma escala 6x1, às vezes 7x0, igual meu pai faz. Não consigo nem ao menos escrever suposições como o corpo dele deve sentir tudo isso. Passei a ficar cada vez mais revoltada com esse sistema quando olhava para a vida de outros adultos que tinham um horário para sair

do trabalho e o final de semana livre. Mas eu não podia criticar as condições de trabalho do setor varejista ou do agronegócio dentro de casa, porque o ganha-pão deve ser respeitado. As engrenagens daquela subordinação transformaram sua força de trabalho, como qualquer outra, em mercadoria, em mais um produto da gôndola.

Contudo, para além disso, mesmo que algumas teorias defendam que o trabalhador não se venda integralmente, a vida e a família do meu pai se tornaram uma extensão da sua força de trabalho. Mudamos de cidade em cidade, em prol do lucro, da produtividade, da necessidade operacional em manter a rotatividade, do controle de relações entre os funcionários e da prevenção de furtos. Mesmo que eu não estivesse empregada, eu era incorporada a esse sistema produtivo como condição para que aquela força de trabalho continuasse. A opção de não ir até existia, mas meus pais seguiam e me levavam, para evitar o custo de manter a vida dividida entre duas localidades.

Estar em uma realidade acadêmica à qual meus pais não tiveram acesso é como habitar um lugar sem nome, às vezes não me sinto mais próxima deles e nem mesmo dos outros estudantes, com suas realidades distintas. Gostaria que existisse um método científico para encontrar a estabilidade, eu a entregaria primeiro a eles. Sigo nesse círculo de incompreensão e orgulho. Esse último, no fim das contas, às vezes é mais sentido por eles do que por mim. Apesar de tudo, meus pais se orgulharam quando entrei no IF e, depois, na universidade. Por causa dos dois que passei a vislumbrar por outros lugares, para além daquele sistema de produção.

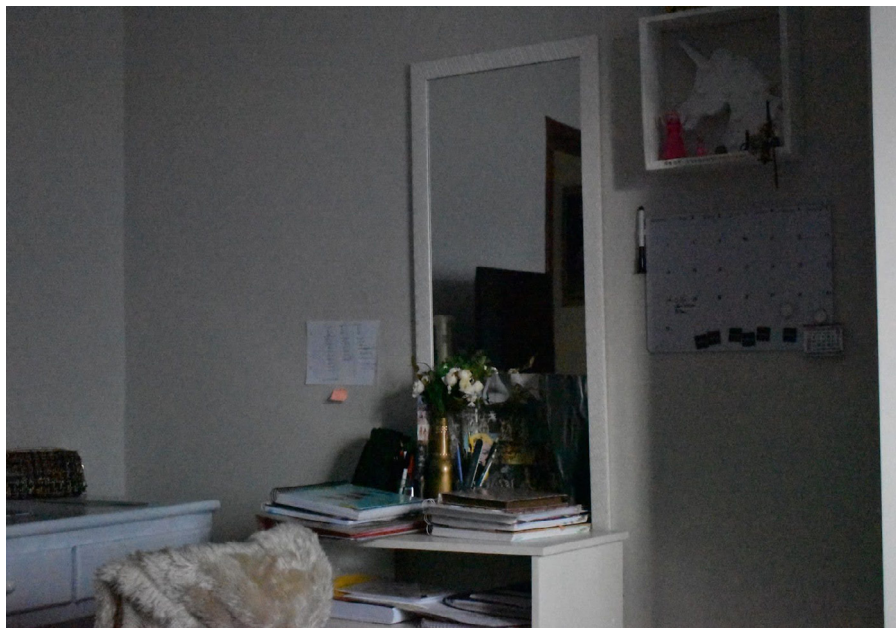
Minha relação se estreitou com o meu quarto durante o isolamento social na pandemia. Como era esperado, passei a ter as aulas estritamente remotas. Rodeada pelo medo e incertezas, mantive-me mais dentro do quarto do que qualquer outro cômodo. As prateleiras não estavam mais vazias, elas celebravam o excesso em seus detalhes. O gancho no teto pendurava um sino dos ventos e um filtro dos sonhos. A cabeceira da cama já não ficava mais alinhada à janela. Ao lado dela havia uma poltrona e um puff em formato de estrela, eu o chamava de estrelinha. Eles me acompanharam desde Campo Belo, meu avô Barbudo que os levou para minha casa. O estofado dos dois já estava desbotado e com alguns rasgos, mas ali era um dos meus lugares favoritos. Eu lia e estudava com os meus pés apoiados na estrelinha.

Eu abria as janelas para que a claridade fizesse parte do meu universo pessoal. O vento se unia aos sinos que, em seus próprios ritmos, cantavam, balançavam meu filtro dos sonhos e traziam suas melodias ao meu ouvido antes de se dissiparem. Na penteadeira, eu empilhava meus cadernos e livros. Mesmo que eu mudasse algo de lugar, o quarto continuava sendo meu. Nos anos isolados, passei a me conhecer mais e a olhar com cuidado para o corpo que carrego. Eu caminhava e me deitava naquele espaço com os meus pensamentos, aquelas paredes confidenciaram minhas transitoriedades por muito tempo. No início da pandemia, minha irmã me deu um caderno sem pauta e fiz dele o meu diário. Eu escrevia durante a noite, uma lanterna o iluminava, ou quando ninguém estava em casa. Depois que as palavras incorporavam aquelas páginas, eu o escondia no fundo da cômoda, na esperança que ninguém o lesse. A escrita também se tornava o meu espaço, ao menos por instantes. O quarto

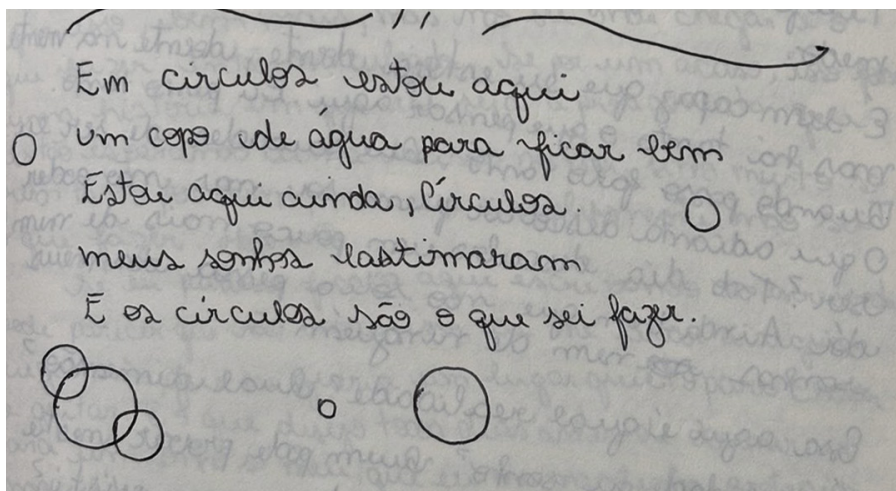
feito de passos não contava para ninguém onde meus sentimentos e confissões estavam.



O quarto de Passos. Maggie deitada na cama, ela chegou em 2019. Novembro de 2021.



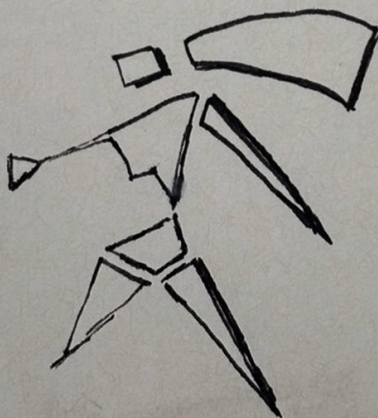
O outro lado do quarto. Maio de 2021.



Página do diário. 2020.

Sair de um ovo redondo
e parar em um de casca quadrada,
já é um hábito mas ser quem é?

Gradativamente se saltar e guardar
as sobras para se fazer de inteira,
mas o que fazer com as sobras de quem seu?



Página do diário. 2021.

escute o que o vento diz, ao meio dia ele
retorna. L quensabe as sementes de sãã
virãã lírios.

espera 3 da tarde para coar ceras sucinatas
e só as bela às 5.

estute o que o vento diz,
naquele dia ele sempre volta.

- giz de cera é mais confiável que caneta.

ou as bela antes das 5, já que ao anoitecer
todos virarãã fosfato.

Subi ao topo agitado, onde fiquei imóvel
esperando o vento voltar. - ele deveria estar aqui

Percebi a profundiza silenciosa, onde só pode
escutar os dias irem embora - mas
acabou o tempo, eu sei.

O anoitecer chegou e eu o segui.

Assim como segui todas as instruções
escutei, esperei e beli.

mas nada disso fez o tempo parar

Os lírios cresceram, de longe consigo voltar

Eu os acompanhei até aqui, mas não será
colhidos por mim.

Por isso regarei a amargura.

Enquanto o vento marcha e lamenta a cura.

mas um dia o vento retorna, eu sei.

O fundo do quintal possuía três árvores paralelas. Aceroleira, pitangueira e jaboticabeira, a última ainda era pequena. A maioria das frutas era comida pelos pássaros e morcegos, mesmo assim eu ficava na companhia daquelas frutas caídas e mordidas, em suas últimas despedidas. Vez ou outra, eu roubava uma pitanga e guardava o seu gosto pelo resto do dia. Sem amarras, ficava presa nas miragens entre os galhos que um dia eu não veria mais. Um pé de boldo não conseguia se desenvolver, pois as cachorras o comiam. Ainda que meu corpo também pendesse para o dia da partida e mesmo que todo fruto furtado não crie raízes, as relações que plantei na nova escola continuaram a dar frutos. Mesmo à distância, cada um em seu quintal. Não consigo definir se as sementes estavam boas ou se aquela terra era fértil, pois tenho boas amizades passenses. Os três frutos, Ester, Guilherme e Vinícius, foram quem me acolheram e não me deixaram apodrecer no galho, mesmo eu sendo um fruto passageiro com coração de pitanga, vermelho-agri-doce, com esse caroço que carrego na goela, à procura de uma terra para o cuspir e deixá-lo germinar.

Apareciam sabiás, pardais, canários, bem-te-vis, chocabarradas, graúnas e um beija-flor. O beija-flor era o que mais voltava: na janela do meu quarto, no quintal, na garagem. De repente, ele estava lá. Entrava na casa e ia embora, o chamei de passa-rápido. Achava que era um sinal que os pássaros presos na minha garganta um dia pudessem voar como ele. Meu pai foi demitido na pandemia, no início de 2021. Vinte anos naquela empresa e a demissão chegou por e-mail. A loja não estava entregando resultados porque apresentava desfalque de funcionários. Eu estava no último ano do ensino médio, meus

amigos estudavam para os vestibulares e eu nem sabia se conseguiria terminar o curso técnico. Meu pai procurava emprego em todos os supermercados possíveis, até mesmo em outros estados. Enquanto buscava, também se perguntava se deveríamos ficar em Passos ou nos mudar de novo para algum outro lugar.

Depois de um tempo, ele conseguiu um emprego. O novo supermercado tinha um processo que o gerente em treinamento precisava trocar de loja a cada 30 dias, às vezes até antes, para cobrir as férias de quem já era efetivado em um lugar. Meu pai ficou nesse vai e vem por um ano e meio. De uma cidade ele já seguia para outra. Eu quase não o via. Entre um deslocamento e outro, ele conseguia voltar para casa de vez em quando. A cada cidade, meu pai dividia uma república da empresa com outras pessoas, seu corpo foi afinando e seu rosto passou a carregar um semblante de desesperança. Em alguns dias, ele dizia que não via sentido em continuar, mas para onde ele iria? Depois de tantas mudanças, o que tinha sido realmente alcançado?

Continuei estudando, sem muita perspectiva, não me inscrevi nos vestibulares de São Paulo, igual a maioria da escola, e não conseguia me concentrar nas aulas totalmente. No final de 2021, meus pais decidiram ir para Divinópolis enquanto meu pai não conseguia uma efetivação, pois ele sempre teve essa vontade de voltar para sua terra natal. Eu terminava o ensino médio, fazia os trabalhos finais do curso técnico e de um curso de extensão, estudava para o *Enem* e ajudava meus pais com as documentações da outra casa. Fui ao psicólogo da escola e, depois de duas horas de conversa, ele disse que eu era poliglota em mudança. De todas as línguas possíveis, essa foi a que aprendi, a língua da despedida. Mas daquela vez, eu estava

escondendo que iria embora. Não contei aos meus amigos e nem a uma pessoa que eu gostava romanticamente.

São outras montanhas que me rodeiam, a chuva que cai aqui não é a mesma de lá. O que meu corpo sentiu, o dele nunca soube. As revelações foram recíprocas, mas nem tudo lhe foi dito. Foi o que sempre é: mais esperança do que amor. Estávamos na mesma cidade, mas tudo foi criado à distância. As línguas dizem que a distância leva o que precisa ir e quase tudo sempre vai. Ainda tem sido assim, ou estou de mudança, ou um dia vou me mudar ou já me mudei para longe demais. De cidade em cidade, escondo o que sinto nessa caixa que chamo de corpo. Criar laços enquanto se vive em trânsito é perceber que o início de um afeto já nasce junto com o seu fim.

As telhas voaram e se partiram no chão. Os painéis solares racharam. Alguns canos estouraram. A Casa de Passos já parecia esgotada de nós. Em uma manhã, acordamos sem eletricidade, chamamos a companhia de energia e descobrimos que a fiação tinha sido roubada. A mudança estava prevista para o mês seguinte, mas, naquela condição, ela foi adiantada. Passamos o dia embalando a casa inteira, parte dela no escuro com ajuda de lanternas e velas. Meu pai saiu da cidade onde estava cobrindo férias para nos ajudar. À noite, dois homens voltaram para roubar o restante da fiação. A polícia foi acionada, mas eles terminaram de levar o que queriam. Minha estadia naquela cidade, por mais um pouco de tempo, foi furtada.

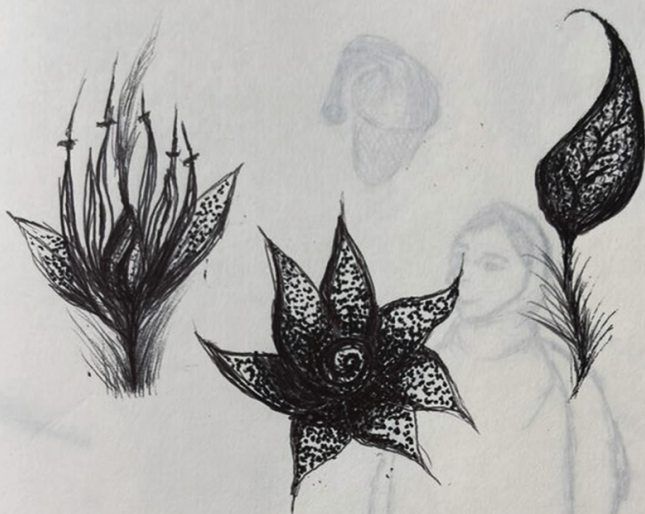
Minha irmã não mudou de cidade dessa vez, ficou em Passos porque já estava na faculdade e com emprego. Fizemos a sua mudança para outra moradia e lá me despedi de quem viveu a irmandade das chegadas e das despedidas comigo. Avisei meus amigos sobre a mudança e consegui rever alguns enquanto o caminhão era

preenchido. O tempo foi breve, pude ficar com eles por apenas uma hora. Voltei acompanhada de Vinícius pelo mesmo trajeto de sempre, uma rua em linha reta, a mesma onde, por seis anos, a última casa costumava ser a minha. Ao final do percurso, me separei do seu corpo e fui embora.



Mudança para Divinópolis. 21 de janeiro de 2022.

Me perderei por saber falar só de fins



tentar uma vida nova, mas sua vida
é dividida em capítulos em um mesmo
livro, não em livros separados.
Tentar.

As lembranças voltam e ~~em~~ um dia algo te
fará lembrar. E você chora. E quem chora
não supera. A superação vem com as
lágrimas e as lembranças. Quem chora
supera. Quem chora supera.



QUARTO VAZIO

QUARTO VAZIO

Assimilações entre as cidades e casas são feitas como tentativa de aceitação. Afinal, as três pessoas que dividiam tetos comigo ainda eram as mesmas, mas essa configuração se perdeu no caminho do sul ao centro-oeste mineiro. As janelas e portas contornavam o vazio. Cama. Guarda-roupa. Mesa. Cadeira. Cômoda. Havia tudo isso no quarto, bem mais que o necessário. Contudo, eu e eles não nos reconhecíamos ali. O mobiliário, que tinha sido desmontado às pressas, ficava estalando seus lamentos e súplicas ao anoitecer. Ignorei os pedidos, as decorações continuaram nas caixas. Colei algumas imagens na parede, mas o quarto continuou igual: vazio de história.

Enxergava o quarto como passagem. Conteí às paredes que eu não desejava ficar por muito tempo. Fora isso, não houve outras confidências. Era outra casa, mas eu ainda acordava de madrugada apreensiva, achava que as fiações poderiam estar sendo furtadas. A cama que tinha sido da minha irmã ficou naquele cômodo nos primeiros meses, até ser doada. O colchão me mostrava, todos os dias, a falta que eu sentia dela. A poltrona e a estrelinha também foram doadas, porque não tinha lugar naquele quarto. Os sinos de vento nunca mais cantaram, ainda pensávamos no outro recinto que ficou suspenso no ar.

Após toda mudança, o mesmo claviculário era pendurado na parede da sala, feito de madeira e com formato de casa. Em Divinópolis,

ele segurava somente duas chaves: a minha e a da minha mãe. Meu pai continuava fora, em seu treinamento. Ele, que sempre quis voltar para a cidade que cresceu, não chegou a morar naquela casa. A vida inteira ouvi o sonho dos meus pais de terem uma casa própria para não precisarem se mudar mais, onde tudo teria seu respectivo lugar. Aquela casa tinha mais armários, tudo ficava guardado. Entretanto, nenhum que eu abrisse era possível encontrar o pai, a irmã e a minha vontade de permanecer.

O quarto em que fiquei por mais tempo foi, justamente, o que precisei deixar tão depressa. Foi um adeus não ensaiado. As despedidas são inexatas, não seguem regras e não obedecem a uma fórmula. Cada partida é um risco a se correr, um novo espaço para acertos e erros. Era a primeira vez que eu morava na cidade em que nasci e não soube ser sua cidadã. Quando alguém perguntava de onde eu era, respondia “daqui”; mas, antes de dizer, as memórias já tinham realizado seu percurso me lembrando dos lugares de onde, pouco a pouco, deixei de ser. Eu sabia que precisava virar a página. Se eu voltasse, não seria igual, como não foi. Quando retorno a Passos, para visitar minha irmã, nada é como antes.

Encontrei com os meus parentes paternos algumas vezes, quanto mais os via mais eu percebia que não nos conhecíamos tão bem. Eles me perguntavam sobre a faculdade e eu não tinha nada a dizer, pois não passei no curso de Design que escolhi na primeira seleção. Fiquei por lá, tentando estudar para o próximo vestibular e à procura de um emprego. Minha formatura do ensino médio aconteceu em fevereiro de 2022, mas não voltei em Passos, eu estava com covid e, mesmo que não estivesse, não tínhamos dinheiro para fazer aquela viagem. Os dias passavam e eu sentia falta do quarto que tinha sido

preenchido por mim, nunca mais o reencontrei em nenhum lugar.

O colchão ficava abandonado e o edredom era dobrado. As meias saíam das gavetas outra vez. O beijo de despedida procurava o sono materno na escuridão. O roncar da barriga obedecia ao relógio e o jejum das entranhas continuava sendo remoído pelo atraso. Os fios elétricos intactos faziam parte da vista que eu tinha, enquanto o motor do ônibus se espreguiçava. O sol surgia depois do vasto encontro entre as rodas e o asfalto.

Passsei a trabalhar de designer em uma empresa atacadista de material de construção. Eram dois ônibus para ir e dois para voltar, a empresa ficava em Carmo do Cajuru, ao lado de Divinópolis. Antes de eu começar a trabalhar, meu pai nos visitou em um final de semana. Ele fez comigo todo o trajeto que o ônibus percorreria até o Centro e, chegando lá, me mostrou onde eu deveria esperar o ônibus da empresa. Mesmo que ele estivesse quase sempre longe, depois que comecei a trabalhar, passei a me sentir mais próxima dele. Entre ligações e mensagens, eu contava como estava sendo a experiência. O trabalho me lembrava ele, parecia um supermercado, só que de construção. Eu passava o dia no emprego. No horário do almoço, enquanto os operadores de logística dormiam em cima de papelões, eu me afastava para um canto, perto de algumas empilhadeiras, para escrever no meu diário. Foi naquele espaço que a ideia de cursar Jornalismo surgiu.

Eu chegava depois das oito e descarregava meu cansaço naquele quarto que permaneceu vazio. Tudo continuava intocado. Os livros não eram abertos. Eu idealizava, dentro dos ônibus, chegar do

trabalho e estudar para os vestibulares, mas não conseguia. As ideias e os objetos pareciam distantes demais de mim. A vista da janela dava para o muro do quintal, era possível enxergar apenas alguns prédios e casas distantes. Um espelho foi colocado na parede ao lado da porta para dar a impressão que o espaço era maior, ele refletia as paredes brancas e vazias, mas minha relação com o quarto não se estreitou. Quando eu fechava os olhos para dormir, continuava me imaginando no quarto de Passos. Quando eu entrava no quarto, continuava errando o lugar do interruptor.

Enxergava aquele emprego apenas como mais uma passagem. Comecei a me sentir desmotivada após alguns comentários da gestora. Algumas vezes, ela disse que me achava retraída. Certo dia me entregou alguns testes de personalidade genéricos, afirmou que queria descobrir o que existia dentro de mim para ser aproveitado. Eu interagía com outras pessoas do escritório, menos com ela. Era ano de eleição e ela – que ocupava o cargo por ser filha do dono – fazia coerção política dentro do setor em prol do candidato de extrema-direita. Já estava decidida a sair assim que terminasse o período de experiência, mas outro motivo impulsionou. Um homem foi contratado para exercer as mesmas funções que eu, mas com um salário mais alto. Assim que pedi demissão, o período da segunda seleção das universidades iniciou e fiz a inscrição em Jornalismo.



À espera do ônibus para ir ao trabalho. 2022.



Gôndolas da empresa. Maio de 2022.



À espera do ônibus para voltar para casa. Junho de 2022.

Na Casa de Divinópolis, descobrimos uma colmeia de abelhas jataí escondida dentro da churrasqueira. Só percebemos sua existência quando as abelhas se assustaram com o calor. Voaram em desespero, algumas abelhas morreram, mas, ainda assim, voltaram para o mesmo lugar. Retiramos o ninho com a rainha e o passamos para uma caixa de madeira. As operárias, incansáveis, construíram uma porta de entrada em um furo que fizemos na caixa. Depois de algum tempo, um novo ninho surgiu na churrasqueira, duas colmeias dividiam o mesmo quintal. Novas abelhas surgiram no lugar das que foram queimadas. O trabalho precisava seguir e um novo lugar, mesmo maciço e duro, começava a ser chamado de casa.



As abelhas e a porta da sua nova casa-caixa. 2022.

Eu já sabia que iria embora em novembro, que seria quando as minhas aulas iriam começar. Nesse intervalo, em agosto, fui contratada em uma empresa de moda, também como designer. Ela ficava no Centro, no horário do almoço eu andava pelas ruas conhecendo a cidade que consta no meu registro de nascimento e, ao mesmo tempo, me despedia dela. Na empresa, fiz amizade com a Lili. Todas as manhãs, eu e ela éramos as primeiras a chegar. Ela trabalhava como auxiliar de limpeza e me contava sobre suas dores de artrite durante o horário do

café. Sempre conversávamos durante os intervalos. Ela relatava sentir saudade da sua cidade, Oliveira, e dos seus filhos e netos. Fotografias e gravações me eram mostradas. Eu relatava sentir saudade da minha não-cidade, Passos, e da minha irmã, do meu pai e dos meus amigos. Fotografias e gravações lhe eram mostradas.

No meio do ano, meu pai conseguiu a efetivação no supermercado de Varginha. Depois que eu me mudasse, cada um da família estaria em uma cidade diferente. Minha mãe decidiu ir para Varginha morar com ele. Mais uma casa se esvaziava e eu era preenchida das últimas lembranças. A entrada da casa passaria a receber poeira, panfletos e ofertas de mercado. A mudança aconteceu um dia antes do segundo turno das eleições. Fiz a votação em trânsito. Varginha é uma cidade de passagem para mim e o quarto, que contém algumas coisas minhas, ficou ainda mais vazio de história. Tudo guardado. Desfiz as caixas para selecionar o que eu levaria comigo para Mariana, já que a minha mudança seria no mês seguinte. Revelo aos poucos esses percursos, como me revelei para o novo quarto: não tudo. Pois, ao final, eu sumo junto com as bagagens.





CAPA DE CHUVA

CAPA DE CHUVA

Encontrei uma capa de chuva que comprei em um dia, não tão distante, de Carnaval em Ouro Preto. Tenho dificuldade em lembrar com muitos detalhes desse dia tanto quanto tive dificuldade para vestir essa capa estando embriagada naquela folia. Porém, me lembro que naquela data, 3 de março de 2025, fazia aproximadamente um mês que eu tinha me mudado de casa, antes eu morava em uma república estudantil e decidi me mudar para o apartamento que divido com outra estudante. Essa foi a 18ª mudança que realizei e, diferente das outras, foi sem a presença da minha família.

A capa de chuva que guardo é de um material fraco, não penso em usá-la novamente, porém não consigo jogá-la fora, o seu plástico transparente me expõe a o que preciso lembrar sem mais hesitação. Essa capa me conheceu no final de uma noite de Carnaval, a vesti para que ela dançasse comigo na chuva e me acompanhasse de volta para casa. Ela vestiu uma versão de mim desinibida e expansiva resultante de vários goles de bebidas, naquele dia eu saí para a rua carnavalesca e bebi o tanto que pude para não me sentir infeliz. Fazia um mês da minha última mudança e eu ainda sentia um incômodo no corpo como se eu tivesse passado o dia anterior carregando caixas pesadas.

Decidi me mudar da república com medo do que me esperava, pois repetidamente vi o mesmo roteiro acontecer nesse espaço universitário: alguém se muda e é beijado à força por boatos de

bocas incontroláveis. O que eu temia aconteceu, após essa mudança eu permaneci enfrentando, durante um tempo, algumas situações parecidas com as que me motivaram a procurar outro lugar - perguntas entorpecentes com doses de segundas intenções, palavras que se arriscam na escassez de realidade e intolerância ostensiva disfarçada de frieza. Morei lá por dois anos, desde o final de 2022, foi quando pela primeira vez eu escolhi realizar uma migração e, assim, me mudei para Mariana para estudar Jornalismo.

Antes de me mudar, procurei possíveis lugares para morar através de redes sociais e combinei que eu entraria para aquela casa em uma ligação de vídeo. Não visitei a cidade antes da mudança, pois eu estava morando em Varginha com meus pais, a distância entre as cidades é de 370 km e eu dependia do meu pai para fazer esse deslocamento. Mas ele possui folga no trabalho apenas aos domingos, logo não seria possível realizar essa viagem, de ida e volta em um dia, apenas para conhecer o lugar. Meus pais me ajudaram a me mudar perto das aulas começarem, acordamos bem cedo no domingo para viajar, porém demoramos para chegar em Mariana pois chovia muito no trajeto, o qual não conhecíamos. Eu entrei para aquela casa com minhas coisas debaixo de chuva, sem nenhuma capa me acompanhando. Me despedi dos meus pais poucos minutos depois da nossa chegada, pois eles já tinham que iniciar a volta do caminho para não passarem pela tempestade em uma estrada anoitecida.

No meu primeiro dia na casa eu já pretendia ir embora. Mas minha expectativa de vivenciar um sentimento de permanência foi maior que meu desejo de partida escondido por dois anos. Eu ouvia relatos tocantes de como a república é um convite a um pertencimento longínquo e dormia desejando que no outro dia eu acordasse me

enxergando como moradora daquele espaço, mas todos os dias eu me via como migrante. Por mais que eu já tivesse experienciado essa posição outras vezes ao me mudar com minha família, a diferença é que antes eu ainda me percebia, dentro do possível, como residente do meu espaço independente de onde eu estava.

Me permito viver com algumas amizades e memórias que fiz naquele lugar, mas, agora enquanto escrevo, eu gostaria de ter partido a mais tempo. Embarco em um pensamento de que se eu tivesse saído antes eu não teria me sentido tão infeliz comigo por ter me mantido, durante a metade do curso, a procura daquela casa que eu morava e em meio a comunicações embaraçosas. Quanto mais eu encarava as texturas das paredes, o piso avermelhado, as janelas foscas e os azulejos portugueses envelhecidos, mais eu me sentia intrusa a uma história que nunca foi minha. Eu me via como quase alguém naquele espaço com cômodos cheios de coisas e conversas, mas nada que me prendia.

Texto “Quase alguém” escrito para uma sessão terapêutica em dezembro de 2024:

“Esse ano intensifiquei minha tendência de ser quase alguém, de quase fazer ou de quase falar. Eu me sinto muito quase. Passei o ano me envolvendo com o que eu sabia que não era produtivo. Plantei o ano inteiro sem colher e sem vontade de colher. Desenhei e escrevi sem me revelar e pensei sem dizer. Penso muito mesmo, sem dizer quase nada mesmo. Esse ano mantive uma distância razoável entre eu e os outros, só esperando que a distância desgovernada chegasse.

[...] Me sinto quase alguém quando dou sorrisos sinceros, daqueles que as bochechas doem com a largueza da boca, depois de semanas imersas na apatia. A felicidade genuína faz passagem no meu rosto e me sinto como uma imigrante nesse estado emocional. [...] Esse ano me senti como uma migrante que não conseguiu se estabelecer no lugar. Sempre me senti deslocada por mudar muito de cidade, mas parece que nesse último ano, sem sequer mudar de casa ou cidade, eu fiquei rodeada de caixas de mudanças antigas e eu não abri nenhuma delas. [...] Quando me questiono sobre quem sou eu por inteira acabo chegando em outras perguntas: qual a minha referência de totalidade? O que na minha vida existe desde sempre? Me arrisco em dizer que com o passar dos anos eu me vejo por inteira somente quando estou sozinha. Quando não preciso selecionar o que dizer, o que escolher e de quem estar perto. Mesmo que tudo isso seja inconsciente, mesmo que eu não selecione previamente todos meus passos do meu dia, eu ainda preciso deixar uma parte de quem eu sou de lado para me encontrar com o outro. Confesso que queria descobrir se existe a possibilidade de estar com um outro alguém e não me sentir dividida por fora e por dentro. Parece que estou cada vez mais longe do meu sonho de infância de estar em lugares inteiros e deixar de me sentir um quase alguém.”

Nos meus últimos meses de estadia na república me sentia escondida por uma capa, meu corpo transitava entre as pessoas e os móveis na espera da data que ele iria partir. Eu não conseguia mais esconder minha falta de integração e subitamente fui lembrada que não há capa apta para me resguardar durante um temporal de despedida. Ao contrário do que eu imaginava, não me retirei apenas

pela minha espera de pertencimento ter se esgotado, além disso, eu estava envolvida pela distância desgovernada entre minha cachorra Laila e a vida, por isso, também me mudei em busca de um espaço que eu pudesse sentir sua falta, mesmo que fosse um quarto vazio.

Laila chegou na minha família em dia de Finados, em 2011, morávamos em Campo Belo, na Casa do Zenon. Ela passou por sete mudanças conosco, mas imagino que ela não tenha notado tanta diferença entre as casas, já que o seu lugar preferido para adormecer sempre esteve lá - o vão embaixo da cama dos meus pais. Laila era um membro da família, em dia de mudança ela era uma das prioridades, já que não queríamos que ela virasse mais um cachorro que caiu da mudança. A sua última migração foi de Divinópolis para Varginha, em outubro de 2022, durante o trajeto ela foi deitada nos meus pés dentro do carro. Laila sempre choramingava quando entrava em algum veículo e naquele dia não foi diferente, minha mãe dirigia e ao mesmo tempo me ajudava tentando acalmá-la. Chegamos na nova casa e fiquei dentro de um banheiro com ela e a outra cachorra Maggie, enquanto as coisas do caminhão eram trazidas para dentro da casa pelos transportadores da mudança.

3 de março de 2024, um ano antes do meu encontro com a capa carnavalesca, sonhei que a Laila estava sozinha e deitada em um elevador escuro, perguntei para minha mãe se ela estava bem e ela confirmou que sim. Mas após dez dias ela adoeceu ao contrair giardíase, se recuperou com dificuldade, e posteriormente foi descoberto que ela estava com um tumor. Consegui retornar a Varginha no mês de abril por alguns dias e depois em julho, esses dois retornos foram feitos pensando em conseguir compensar o tempo longe que eu estava dela. Não queria que ela partisse imaginando que

a abandonei, não sei se ela fez sua partida imaginando isso, da mesma forma que não compreendo o potencial de imaginações caninas. Sou cuidadosa em não perder nada, com esse comportamento de guardar tudo em caixas, mas a perdi para o tempo.

Ela fez sua passagem em agosto e desde então eu tento ultrapassar meu egoísmo ao desejar sua volta, eu não encontro ela em ninguém e não esqueço com alguém. A Laila não temia nenhum sol, pois ela sempre se deitava na luz mais quente do meio dia, e enfrentava qualquer aguaceiro sem capa de chuva, já que ela sempre se molhava caso fosse preciso passar por debaixo do céu que chovia. Aprendi com ela a enfrentar o sol e chuva, mas, assim como ela, não deixei de ter medo da incerteza do tempo. Por 13 anos, minha ocupação preferida foi acomodá-la em meus braços enquanto o céu se ocupava em despejar suas águas e trovões. Com isso, conservo a capa que me acomodou naquele Carnaval e me relembra da imprevisibilidade do tempo que passa por mim.



Laila. Varginha, agosto de 2023.

Mesmo em novas coordenadas geográficas, as minhas experiências anteriores ainda continuam me visitando, principalmente por lembranças. Não é tão simples se livrar de memórias igual é pedir que uma visita inconveniente vá embora, por isso, são através de recordações intactas e quebradas que tento decorar minha nova moradia. Contudo, ter que se estabelecer em um novo quarto e uma nova casa costuma me transformar em uma dubiedade ambulante, porque nunca sei até quando vou permanecer, a todo instante sinto que estou de partida, por isso produzo mínimas decorações, itens fáceis de serem removidos e guardados na próxima mudança, e deixo grande parte das minhas coisas guardadas em caixas.

Essa escrita sobre minhas migrações e a 18ª foram idealizadas simultaneamente e eu não imaginava que após tantas, seria nessa que

eu entenderia por outra perspectiva o que os meus pais sempre me disseram: só descobrimos o que temos quando vamos nos mudar. Nesse último deslocamento eu percebi o que e quem eu tinha ao meu redor e o que e quem eu quero manter próximo a mim. Ainda que eu tenha me mudado dezoito vezes, eu também compartilho da ânsia de outras pessoas de ir para outro lugar com a esperança de viver uma nova vida, é tentadora a ideia de um recomeço e de se distanciar do espaço que não me sinto mais pertencente. Mas nada é simplesmente deixado para trás eternamente, talvez em junho eu ainda pise em algum glitter que deixei cair em outras ruas em março.

Lembro que, na minha infância, perguntavam à minha mãe se não era difícil para minha irmã e para mim nos adaptarmos às mudanças constantes. Ela respondia que isso seria benéfico para nós caso, no futuro, precisássemos nos mudar para fazer faculdade em outra cidade. Confesso que o ato de mudar não foi novidade, mas tive minhas próprias dificuldades para me adaptar em Mariana. Na Universidade Federal de Ouro Preto, a maior parte dos alunos vem de outras cidades e passa a compor a população flutuante das cidades que abrigam os prédios universitários. A maioria possui uma cidade para dizer de onde é. Desde o meu primeiro dia em Mariana, vejo as pessoas defenderem e exaltarem o lugar de onde vieram, uma vez que cidadania é motivo de orgulho.

Na primeira semana que eu estava na república, aconteceu um karaokê e, em um determinado momento, algumas das moradoras cantaram os hinos das suas respectivas cidades. Não sei de qual cidade

eu cantaria, assim como não sei cantar nenhum hino municipal. Comecei a entender que ser de uma cidade é como ter uma cidade para defender, talvez isso também signifique ser cidadão. Entrar em disputas sobre qual cidade é melhor, exaltar os destaques do seu lugar de origem e criticar, com propriedade, os pontos negativos, falar dos espaços preferidos e, principalmente, ter uma cidade para voltar.

Antes de eu voltar pela primeira vez para Varginha, minha mãe me disse que, se eu voltasse pela estrada sem chuva, iria me surpreender com a vista. As montanhas da Região dos Inconfidentes carregam muita força. Após algumas horas, passo de estradas curvas para estradas retas em direção ao sul de Minas quando visito os meus pais. Nesse caminho, sinto que me esqueço, não sei onde exatamente, talvez antes da entrada da cidade. Eu, definitivamente, não encontrei minha cidade em Mariana, mas encontrei uma parte de mim quando escolhi migrar pela primeira vez. Da mesma forma que outros estudantes relatam, eu também não sinto que aqui é sinônimo de casa e tampouco a moradia dos meus pais. Tudo é diferente. Pelas estradas, agora desço sozinha nas paradas, caminho entre os souvenirs, doces caseiros e comidas de beira de estrada sem companhia e sem capa. Carrego uma mala que parece estar sempre pesada, a cada viagem trago algum objeto que era meu e estava na casa deles, às vezes sem motivo algum, apenas para o ter comigo.

Em Mariana, apesar de ainda estar no mesmo estado, noto diferenças em relação a outras cidades que habitei. Mas algumas lutas, mesmo que de lugares diferentes, ainda assim também são sobre terra, espaço e pertencimento. Para além dos movimentos agrários e dos trabalhadores rurais sem terra, também presentes no sul de Minas, aqui também existe o Movimentos dos Atingidos por

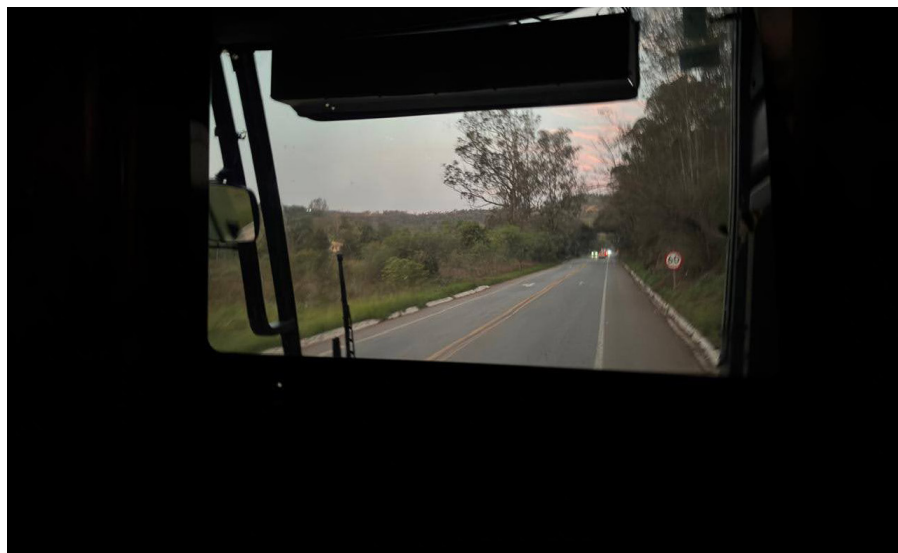
Barragens. Para se pertencer, nesse sistema que vivemos, muitas vezes é preciso estar entre combates, reivindicações, legislações e registros. E, ainda assim, às vezes isso não é páreo para as falhas e injustiças do sistema dominante. Apesar de não me sentir pertencente a nenhum lugar, tenho um registro civil. Registro que, embora seja um direito, também o reconheço como um privilégio, pois a desigualdade judicial está presente no território nacional assim como a falta do acesso à terra. Por conhecer tão intimamente o desejo de uma casa estável, pela minha realidade, sei que as moradias em que vivi, mesmo que passageiras, poderiam ser o sonho de alguém. Entre cidades, registros, hinos, montanhas, lutas, terras e chuvas, descubro que o pertencimento também pode nascer ou ressurgir com um movimento.



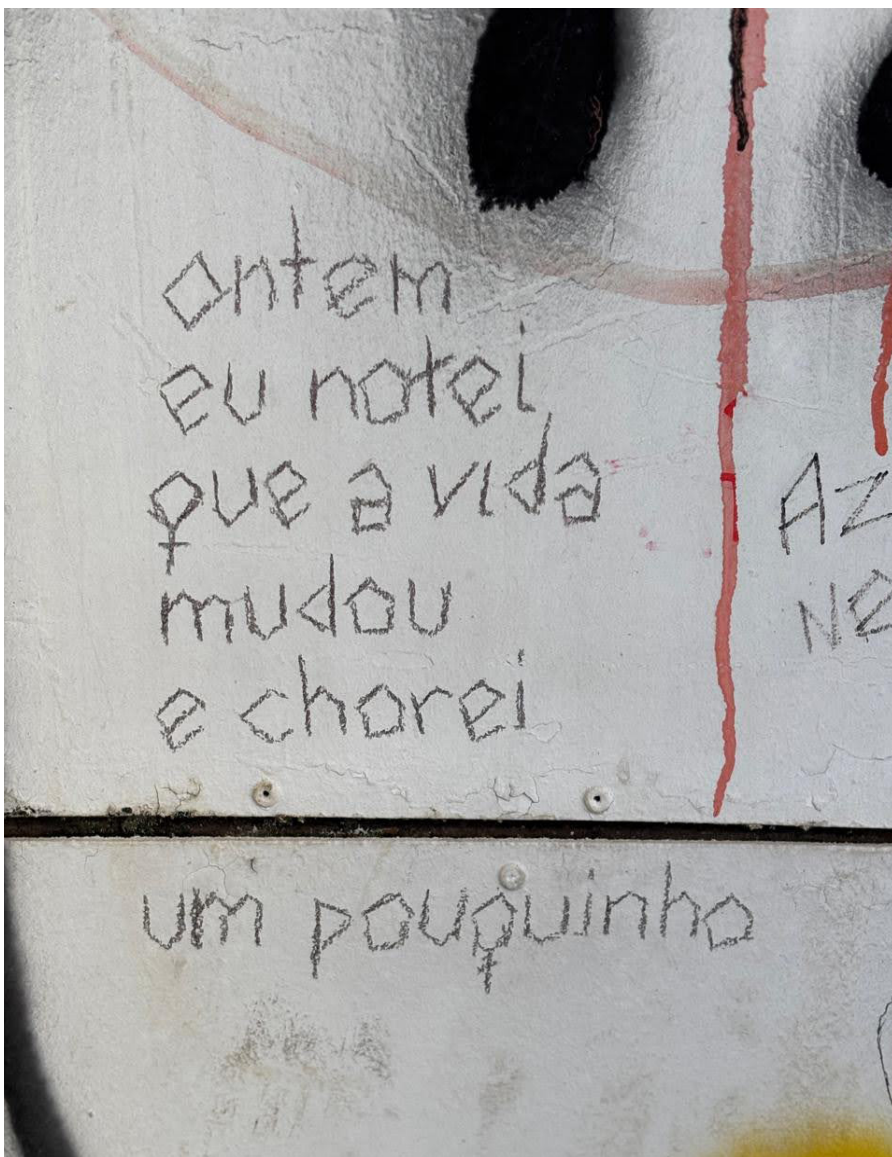
Parada à caminho de Varginha. 2023.



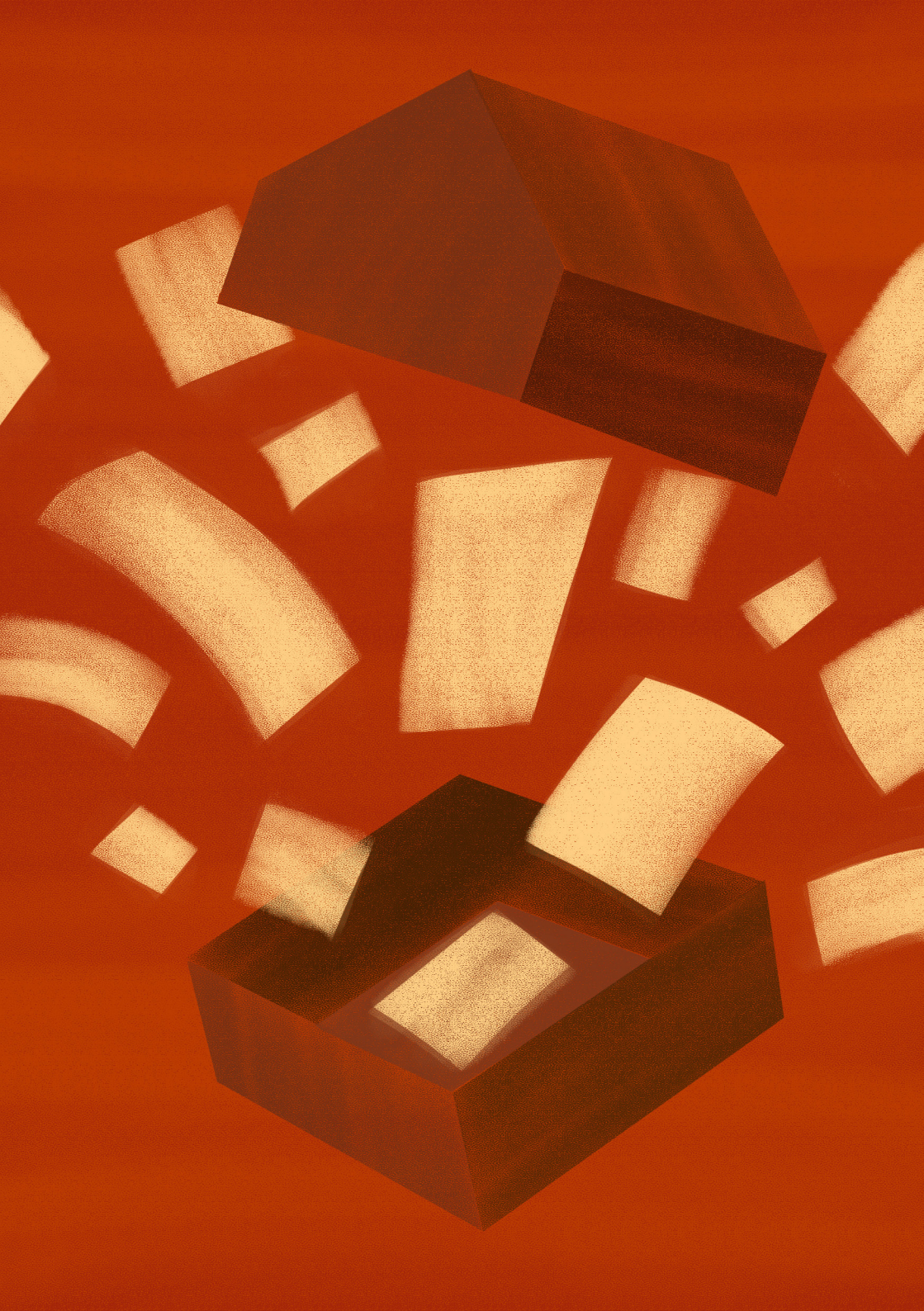
Estrada para Varginha. Setembro de 2025.



Estrada para Mariana. Setembro de 2025.



Intervenção visual no prédio da UFOP. Foto: 2025.





CARTAS

CARTAS

Deitei no chão do quarto atual, em Mariana, os pisos são brancos e de perto é possível ver seus arranhões. Alguns, certamente, não foram feitos por mim. Não reconheço todas as marcas que deixei pelo quarto nesses dez meses de estadia. Quais são as marcas que ele deixou em mim? Os azulejos gelados acomodaram meu corpo aquecido por dezembro. Horas antes havia limpado o quarto que já estava impecável. A vassoura tem revisitado os cantos e não acha nenhuma novidade para carregar consigo, como quem mora em um lugar que sente vontade de ir embora. Limpar e arrumar. Pensar e evitar. Encarei a cadeira que tenho evitado. Se me sento, logo saio. Essa cadeira está comigo desde quando cheguei nesta casa em fevereiro. Ela, o quarto e eu fomos obrigados a nos acomodar. Contudo, somente ela vai me acompanhar quando eu for embora. A mesa, a cama, o guarda roupa, as paredes e o chão vão ficar. A cortina e a cadeira conhecerão outras rodas e outros ventos, algum dia.

A cadeira me chamou, se ela falasse teria dito algo como: “Se despeça de uma vez, está na hora de ir embora”. A ideia desse livro surgiu em dezembro de 2024, há um ano, em uma conversa com o professor Daniel Macedo no final da aula de Mídia e Memória, na mesma noite tive a sorte dele se tornar meu orientador deste trabalho. O primeiro capítulo foi escrito em maio de 2025. Desde então, tenho morado nesse projeto. A sensação de uma mudança que se aproxima

é a mesma, dessa vez eu a desejo, mas, ao mesmo tempo, não sei como será. Eu devo entregar as chaves? Contratar um caminhão ao final desse texto? Pintar as paredes? Guardar tudo de volta nas caixas? Olhar para os cômodos, lugares e pessoas pela última vez?

Cada pós-mudança é única, mas em todas eu me via rodeada de tudo o que havia sido guardado. Tentava encontrar os objetos pela organização relativa e improvisada, às vezes as coisas eram despejadas na nova casa às pressas, às vezes não. Na próxima mudança, porém, quero me encontrar com tudo que guardei. Quero ter coragem de abrir cada caixa, item por item, e me envolver com as memórias que surgirem. Percebo, ao finalizar este livro, que organizar uma mudança se parece muito com organizar um texto. Procurei por mim entre os objetos, arquivos e palavras, assim como me procuro entre as casas e cidades.

Ainda deitada no chão desse quarto, percebi que, no verão, o sol visita esse quarto por alguns instantes ao entardecer e toca novamente a cortina branca. Segui com os olhos o caminho da luz até a parede e, ao lado da faixa alaranjada, estava uma caixa de sapatos onde guardo as cartas que recebi ao longo dos anos. A caixa permaneceu sobre um cesto de roupas por mais de duas semanas, a deixei ali para me lembrar de reler as cartas e iniciar este último capítulo. Mas eu evitava tudo: o capítulo, as cartas e o final. Eu não sabia como começar o fim, assim como, quando criança, eu não sabia como iniciar uma carta. Aprendi a escrever cartas na mesma escola em que recebi a minha primeira, em Campo Belo.

Compreendi o que era remetente e destinatário, mas, com o tempo, também entendi que as cartas são pontos de encontro com o que já passou e, com elas, percebo que o pertencimento, antes de

nascer nos lugares, nasce nas pessoas. Abro as cartas e encontro minhas amizades. À distância a presença, o toque físico e os aromas se perdem. Não é possível notar os dedos que um dia me escreveram, nem mesmo as novas alturas e manchas na pele, os novos fios de cabelo e as linhas de expressão que não existiam. A distância rouba os detalhes e uma das moradias do afeto é a casa dos pormenores. Pelas cartas, vejo todos possíveis futuros que ficaram para trás.

MARIA CECÍLIA,
EU ADORARIA TE VOCÊ O
ANO QUE VEM. MARIA FELIZ
NATAL.

BEIJOS



15/12/10

EMILLY
AMIGAS-UNIDAS

Primeira carta que recebi. Carta de Emilly. Campo Belo, 2010.

Você não esqueça
do mimos também

O! Marina

PARA: Cecilia

Grafisa
GRÁFICA E FOTOLITO

(35) 3831-1863

...a sua impressão é a que fica!

e-mail/msn grafisa.campobelo@gmail.com

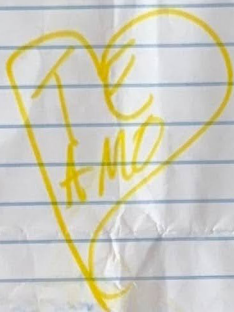
Rua João Pinheiro, 449 - Campo Belo/MG

Carta de Marina. Campo Belo, 2013.

Pisado,

Quando você for eu vou sentir muita falta sua!

Eu sei que as vezes a gente briga, **MA SEU TE AMO**
MUITO!



De você fica triste eu também

fico. Você é linda, Que Deus te

abeneçoe em sua nova escola!

BEIJOS

TE AMO

SUA MELHOR AMIGA
BU 20 40

Carta de Emily. Campo Belo, 2013.

Maria Cecília.

Sentirei Saudades

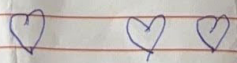


Carta de Stephany. Lavras, 2016.

Maria só é muito especial
é uma amiga incrível engraçada
toda só é uma amiga que
se guarda no coração
verdadeira, uma amiga que
pode confiar não deixa ninguém
te magoar nunca só tem
amigos especiais que te ama muito,
como Laura, Ana Cecília, a zapa etc
então só a vida, como pode
porque ela é curta, que
toda lagrima que cair seja
seu rosto seja de felicidade
~~Não~~ Não deixe ninguém
destruir seus sonhos;

Para: Maria Cecília

De: Gabriela



~~Virar a~~
Virar a
vida
como pode

www.grafons.com.br



Carta de Gabriela. Lavras, 2016.

07.03.16

Maria Leília

Foi eu, a minha melhor amiga vai embora
mas eu quero ter uma lembrança.

Amiga quero divertir com você nos últimos
dias aqui em Lavras.

Amiga igual a você não tem, porque
você é:

* companheira

* feliz

* amigável

* bonita

Amiga você sempre vai estar
no meu coração, marcada como
minha melhor amiga!

Quero que você se lembre de
mim!

Vamos conversar sempre!

Meu número, [REDACTED]

tilibra



© Jolie

♡ Mario! Cécilio! ♡

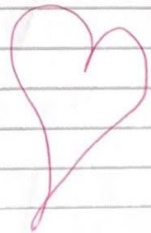
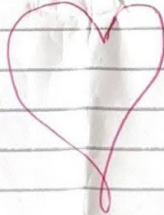
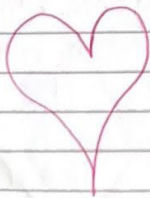
Maria você sempre querinho. Nunca pensei que esse momento ia chegar, nunca pensei que esse momento ia ser tão triste. Quando você chegou no escola e sentou lá atrás e eu pensei: Essa menina parece ser mitido, chato e nerd não vou falar com ele agora não. Eu estava totalmente errada porque você é um menino legal, bonito, inteligente acima de tudo muito amigo, companheiro e louco.

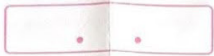
Eu agradeço a Deus todos os dias por ter você ao meu lado, por ser minha melhor melhor melhor amigo.

A turma nunca mais será o mesmo sem você! Você alegrava meus dias, você me ajuda nas horas mais difíceis que eu já passei.

Também quero te falar uma coisa: Amigo nunca esqueça de mim por favor. Te amo Pedro que come Parafusa.

Nunca vou te esquecer. Beijes ♡ ♡ ♡ ♡





Querida Maria Cecília:

Você é minha melhor amiga de todas, acho que você é a maior amizade que eu já tive em toda a minha vida, você me passou seu jeito incrível de ser, me ensinou a viajar pra outros planetas e entender a língua deles, e teve a paciência de aguentar todas as minhas loucuras.

Justo agora que moramos perto você tem que se mudar, mas sempre que eu ver pela janela a sua casa, mesmo que já esteja alugada, vou lembrar que minha melhor amiga morou lá.

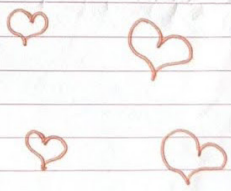
Você vai ser vip na minha festa de 15 anos, madrinha de casamento e tudo mais, mesmo que você não esteja aqui, porque eu vou te ligar, e se não puder vir, sua amizade já é a presença.

Espero que você seja tão feliz em Lavras como foi em Lavras, faça muitas amigas e seja a melhor, só não esqueça das suas melhores amigas, Laura, Amanda, Lopa, Ana Clara, Gabriela e Ana Cecília.

Nunca te esquecerei e espero que também não se esqueça de mim, pois apesar de nunca ter tido dados presentes e cartas como as outras meninas, saiba que eu sou a que mais te ama.

Você fará muita falta.

Com amor, Ana Cecília (ou "Treme treme")



Carta de Ana Cecília. Lavras, 2016.

Passos, 29 de setembro de 2021.

Maria Cecília,

Uma vez uma amiga me chamou às 21h56, ela estava com medo. O motivo? Seus 18 anos. Mas... por quê? Pelas novas responsabilidades? Pelo receio da maioria? Ou pela força da frase "eu tenho dezoito anos"?

No entanto, a pergunta foi "será que aproveitei a minha infância?" e comigo pensei: "será?".

A resposta é pessoal, mas de uma certeza eu tive, talvez não aproveitamos nossas infâncias como deveríamos, mas aproveitamos cada momento juntos.

Com você eu pude descobrir o valor da amizade.

Pude me apavorar quando caiu um celular no meu meio da prova de física.

Pude recorrer a alguém quando eu precisei.

Pude ouvir os melhores conselhos, inclusive o do creme.

Pude sorrir com as inúmeras histórias e o inesquecível dia dos dois teclados na biblioteca.

Pude perceber que histórias não acabadas - como o da coruja - não são uma perda de tempo e sim um caminho para finais distintos e infinitos.

Eu pude tanta coisa...

E com isso percebi que, com aconchego e momentos apropriados sempre podemos ativar nossa criança interior, então, mesmo que não tenha aproveitado sua infância, aproveite o agora e faça valer a pena. Por você.

Como de costume, um ciclo está começando e posteriormente outro terminará.

Ademais, aproveito para te agradecer por esses três anos e por todos os momentos que passamos juntos, sejam eles tristes ou felizes, foram momentos únicos e inesquecíveis, com muito companheirismo e empatia. Além disso, desejo que nossa amizade continue por muitos e muitos anos, com amor, cumplicidade e inúmeros sorrisos.

Tristemente, não ocorrerá nossa entrada na formatura, mas saiba que você tem um espaço especial no meu coração.

"Infelizmente, nem todas as pessoas têm a oportunidade de degustar a verdadeira amizade. Eu tive o privilégio de provar. E por mais que seja uma ação mútua, eu não poderia deixar de te agradecer imensamente por isso."


de seu amigo,
Vínicius Matos

Feliz Aniversário!

-espero que o moço da loja em que imprimi não leia essa carta-

Carta de Vínicius. Passos, 2021.

tenha uma
existência legal



centro lado!

papel


a gente se vê
por aí

↑

por fim, tive mais
ESPAÇO DO QUE ESPE-
RAVA

Vamos sentir saudades
de você

o cê é a melhor veteranda-
nda/ser racional que
eu poderia encontrar



cuidado com os sócios
e clones

SÃO PERIGOSOS

Carta de Miguel. Passos, 2022.

Leci,

Essa carta definitivamente não foi planejada, e literalmente escrita uma vez só. Penso que memórias não são bens mais valiosos em uma vida, e espero que como eu, você guarde consigo todos os bons, ótimos e felizes momentos juntos. Porém, também escrevi isso para que quando virmos, verdadeiros adultos, você possa ler e lembrar dos tempos do ensino médio, onde cingávamos pequenos cães (Pincher FDP, adoro relembrar este), batíamos saltos papo com (não lembro o nome do cara) enquanto fugíamos de assaltantes e de quando fazíamos de forense e achávamos

corpos nos matagais parrenses. A gente brinhou leci, muito. Essas são as memórias mais definidas, vindas de um cérebro nono lento. Não queria queoubesse, que me fizesse rir enquanto minha vida estava em caos. Você mudou a minha vida. Fez eu enxergar nas situações mais obscuras. Essa carta mal diagramada e escrita às pressas, é uma simples declaração de um amigo que te ama muito, e quer que você realize todas as suas vontades. Você é merecedora de tudo que conquistou e que conquistará. Você é uma das mentes mais bondeiras e brilhantes que já pisou na terra, saiba disso. Que nessa sua nova jornada,

você aprenda muito, e se permita viver intensamente. Amores, dores, decepções e alegrias não normais, passamos por isso e passaremos ainda mais. Então saiba que sempre estarei aqui, para dividir conquistas e problemas. Essa não é uma carta de despedida, é apenas um até breve. Acho que ficaremos um tempo sem se ver. Mas, este é apenas o começo da nossa história. Ainda vamos nos reencontrar, seja como loucos derrubando governos, como velhos amigos em um bar ou como estudantes do ensino médio difamadores de pinchers.

Do seu amigo
e fã nº 0, Gui ♡

Carta de Gui. Passos, 2022.

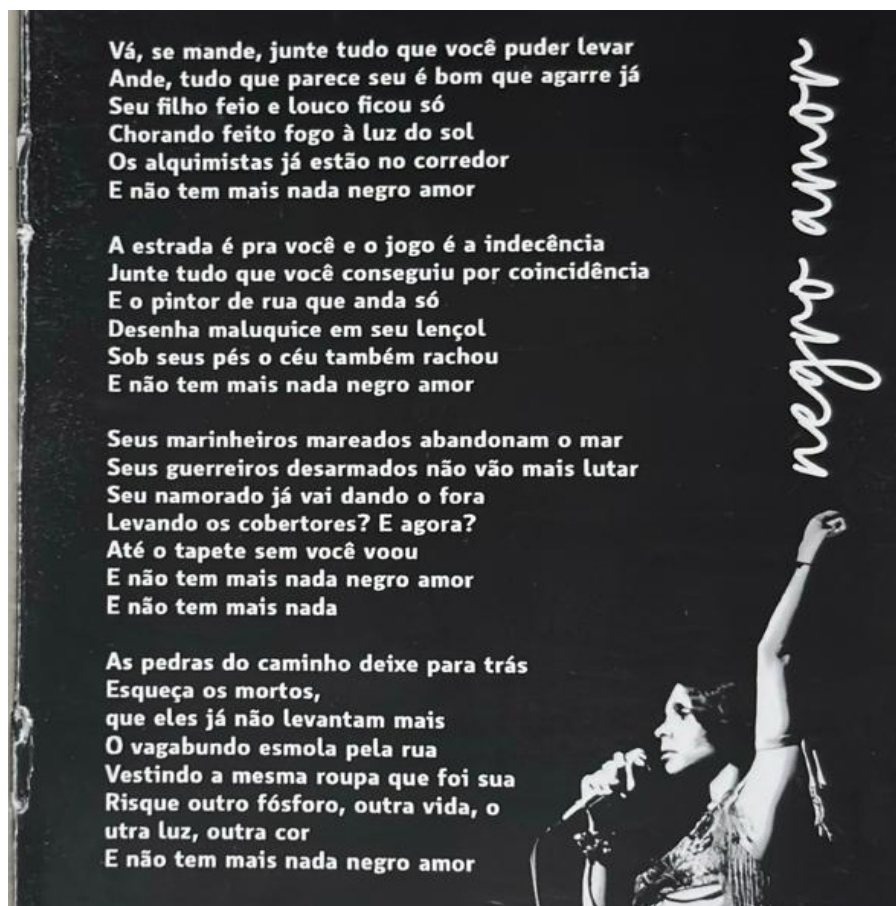
Levantei do chão revirada por lembranças. Sempre deixei as cartas guardadas na caixa de sapato, escondidas de todos. Divido algumas aqui e me lembro de quando esconderijos e silêncios já me foram casa. Quando deixo um lugar onde socializei, fico com a sensação de que esqueci algo para trás. Seriam as palavras que entreguei às pessoas? Ou o silêncio que sumiu de mim? Sinto que algo vai ficar. Ao final dessas linhas, o que vou escrever? Para quem? De onde? Não sei tudo que ficará para trás, mas sei o que levo comigo. Levanto e levo o querer profundo de um espaço onde caiba eu e minhas cartas. Um lugar onde os rasgos nos papéis e retratos sejam acidentes do tempo; onde os vidros e objetos se quebrem apenas pela força do acaso; onde as portas se fechem devagar; onde os móveis não sintam tanto impacto; onde, enfim, eu possa me sentir moradora.

Essa escrita só foi possível com as memórias que surgiram e pelos encontros com os arquivos. Com ela, ganhei um novo arquivo: o caderno onde registrei, desde o início, algumas elaborações deste processo. A última página do caderno é ilustrada com versos da música Negro Amor: “Vá, se mande, junte tudo que você puder levar... A estrada é pra você... Junte tudo que você conseguiu por coincidência”. Volto sempre a esses versos. Penso no que levarei na próxima mudança, mas me pergunto se sei chegar de peito aberto e partir sem me despedaçar. Talvez não, ainda assim junto tudo que me ensina a permanecer fiel ao que realmente me habita. Afinal, casa é gesto, olhar e memória.

Alimento essa expectativa de me mudar de Mariana ao final do curso. Alimento, mais ainda, minha ideia de um lar físico, apenas um, longe dessa dupla moradia: moro aqui e moro no meu desejo de morar em outro lugar. Esse livro se tornou meu livro-casa, repassei

pelo o que foi, mas guardo o futuro que vislumbro. Guardo, pois me ensinaram a guardar. Sinto medo de sonhar com o amanhã. Sonhar em sair das cidades de papelão e dos cômodos carregados. Sonhar em deixar de saber o que se cabe em uma caixa, em ter para onde voltar, me sentir pertencente a um espaço e morar no mesmo endereço quando, enfim, chegar o amanhã.

maio de 2025 - dezembro de 2025



Vá, se mande, junte tudo que você puder levar
Ande, tudo que parece seu é bom que agarre já
Seu filho feio e louco ficou só
Chorando feito fogo à luz do sol
Os alquimistas já estão no corredor
E não tem mais nada negro amor

A estrada é pra você e o jogo é a indecência
Junte tudo que você conseguiu por coincidência
E o pintor de rua que anda só
Desenha maluquice em seu lençol
Sob seus pés o céu também rachou
E não tem mais nada negro amor

Seus marinheiros mareados abandonam o mar
Seus guerreiros desarmados não vão mais lutar
Seu namorado já vai dando o fora
Levando os cobertores? E agora?
Até o tapete sem você voou
E não tem mais nada negro amor
E não tem mais nada

As pedras do caminho deixe para trás
Esqueça os mortos,
que eles já não levantam mais
O vagabundo esmola pela rua
Vestindo a mesma roupa que foi sua
Risque outro fósforo, outra vida, o
utra luz, outra cor
E não tem mais nada negro amor

negro amor

Agradecimentos

À toda a minha espiritualidade, em especial à Cigana Esmeralda, minha guia espiritual, que me acompanha e me ensina que a estrada é mestra e casa. À minha família, de quem herdei as mudanças, com quem as vivi e aprendi que erros e acertos fazem parte do caminho. À minha psicóloga, Renata Quadros - que, por coincidência, compartilhamos o mesmo sobrenome - por me incentivar a me localizar pela escrita muito antes deste livro ser uma ideia, por abrir espaço para que eu vislumbre uma vida-lazer e por me mostrar que sou minha primeira casa. Ao meu orientador Daniel Macedo, pelas sugestões, escuta e por me incentivar a embarcar nesta narrativa e me fazer acreditar que ela seria possível. Aos meus amigos que fiz na cidade de Passos: Ester Mendonça, Guilherme Faria e Vinícius Matos, que me mostram que algumas amizades são fortes em relação à distância. Às minhas amigas que conheci em Mariana durante a graduação e que compõem o lar que vive em mim: Camila Nakashima, Emmanuelle Barros, Gabriela Cortez, Jade Iasmin, Julia An Sartorelli, Ludmylla Bortolini e Luísa Gonçalves.

*Corria em direção a mãe, o pai vinha logo atrás.
Parada feita em cima da Ponte sobre Rio Araguari no Triângulo Mineiro. 2013.*

